

D U D A S A N T O S



A movie poster for 'A Rosa'. In the center, a woman is seen from behind, wearing a vibrant red, off-the-shoulder, floor-length gown. She stands against a background of white clouds and dark evergreen trees. In the upper left, a faded, ethereal portrait of a young girl with long dark hair and blue eyes looks forward. In the upper right, a faded portrait of a man with a full beard and intense gaze looks towards the viewer. The title 'A ROSA' is written in large, ornate, gold-colored serif letters across the lower half of the image, with the woman's dress partially obscuring it. Below the title, the text 'INSPIRADO EM "A BELA E A FERA"' is written in a smaller, gold-colored serif font.

A ROSA

INSPIRADO EM "A BELA E A FERA"



♥ *A Rosa* ♥

1ª edição

Copyright © 2019 – Duda Santos

Está é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento da autora.

Criado no Brasil.

“A Rosa” é um livro curto. Uma ideia que veio do nada e se transformou em algo incrível para mim.

Espero que gostem de ler, assim como eu gostei de escrever!

Agradecimentos ♥

O primeiro “obrigada” é, com toda certeza, a Deus! Cada inspiração veio dEle.

Aos leitores da plataforma *wattpad* obrigada por terem tido paciência e por não desistir em da história.

E por último, mas não menos importante, a você querido leitor. Você escolheu *A Rosa* porque acreditou nela e acredite quando digo que isso é o suficiente.

Sinopse ♥

Manoela Avilar já foi uma grande médica. Ajudava os necessitados por atendimento e era querida por todos. Mas, infelizmente, coisas ruins acontecem com pessoas boas e isso não foi diferente com ela. Agora, marcada no corpo e na alma, a mulher terá que lidar com os seus fantasmas, que transformaram ela em um monstro.

Quando as coisas por fim iam bem, a jovem recebe a visita de uma assistente social. Manoela, então, descobre ser a única parente viva de Victória, sua sobrinha de doze anos.

O inesperado acontece e, após meses convivendo uma com a outra, tia e sobrinha criam um forte laço.

Victória, mesmo sem saber, abre pouco a pouco o coração da tia, deixando brechas para um novo amor.

“Qualquer um pode amar uma rosa, mas é preciso um grande coração para incluir os espinhos.”

(Clarice Lispector)

Prólogo ♥

— Doutora? — a enfermeira chama.

Manoela, que estava guardando seu jaleco branco no armário, vira-se para a mulher parada na porta.

— Sim.

— Estamos com um caso lá na emergência, e o médico plantonista ainda não chegou.

A hora de trocar o plantão irritava Manoela! Enfermeiros e médicos chegavam na hora em que queriam, e pouco se importavam se nesse meio tempo haveria alguém correndo riscos de vida. A jovem médica sentia a falta de uma voz maior, uma voz que ordenasse a todos a seguirem seus horários corretamente. Mas, se nem mesmo o diretor do hospital fazia isso, por que ela o faria? Era apenas mais uma médica ali.

— Já estou indo. — disse por fim.

Poderia muito bem pegar sua bolsa e ir para casa, mas, ao pegar o diploma, fez um juramento. Juramento esse que ela fazia questão de cumprir.

Não demorou muito e ela estava na ala de emergências. Uma criança com bactérias no sangue não estava nada bem. Ele se contorsia na cama, gritando e chorando. Infelizmente, não havia como dar mais remédios, já que o necessário para combater a doença estava no soro.

— Após acabar o soro coloque ele no isolamento. — após dar as instruções para a enfermeira da noite, que havia acabado de chegar, Manoela dirigiu-se novamente para a sua sala. Estava esgotada devido ao dia cheio e corrido.

— Sabe, semana que vem vai começar as instruções para nomear os chefes de cada especialização. Você é uma ótima médica, deveria concorrer.

— Não. Não quero ter que me preocupar em ficar chamando atenção dos outros. O Hospital e Maternidade Vivah é um ótimo instituto, com boa infraestrutura e ótimos médicos — mesmo eles não cumprindo com os horários, são bons no que fazem. —.

O problema ali é o diretor. Um homem já na casa dos setenta que, quando mais novo, foi um ótimo cirurgião. Estava na cara que o *velho* pouco se importava com o hospital, isso ninguém via — ou finge não ver.

— Bom, eu vou indo. Estou cansada e com fome. — só de pensar em chegar em casa e comer os deliciosos bolinhos de chuvas de Naná, seu estômago fez um alto barulho.

— Certo. Boa noite, doutora. Até amanhã.

O consultório ficava no segundo andar, por isso alguns enfermeiros que também estavam de saída iam em direção ao elevador. Manoela, por sua vez, preferiu fazer o caminho de sempre e ir pela escadas. Ficar presa em uma caixa metálica não a agradava muito. Preferia ir pelas escadas, assim conseguia ver e cumprimentar as pessoas. Dava-se bem com os colegas de trabalho, isso ela não poderia negar.

A estrada estava escura e calma. O que atrapalhava era a chuva.

Deveria ter trocado o pneu quando o guarda mandou, pensou.

Sua casa era grande, o que mostrava o quão bem de vida ela era. Após sair do carro estacionado na garagem, a jovem sentiu o aroma dos bolinhos.

— Que delícia de cheiro, Naná. — abraçou a doce senhora, enquanto tentava roubar um – ou dois – bolinhos.

Beatriz era uma senhora de cinquenta e seis anos. Vítima do preconceito racial e por já ter sido presa, não conseguia emprego nenhum. Quando explicava o porquê de ter sido presa, ninguém se interessava. Na época, Bianca, filha de Beatriz, havia acabado de nascer. Mãe solteira, sem familiares por perto, vivendo

de aluguel e prestes a ser mandada em bota, a mulher não pensou muito e roubou um litro de leite para a criança, já que em seu seio não havia leite.

— Espere eu fritar todos, menina! — Manoela sorriu ao sentir o leve tapa na mão. — Vá tomar um banho, que já faço seu chocolate quente.

— Você me mimá demais, sabia? Deveria deixar eu me virar.

Beatriz a olhou feio. A patroa estendeu a mão quando todas as outras foram recolhidas. *Era eternamente grata a Manoela Avilar por isso.*

Banho, para Manoela, era uma terapia. A água quente relaxava seus músculos e a acolhia, fazendo com ela organiza-se seus pensamentos.

Vinte e oito anos nas costas, um diploma e uma especialização no currículo, mas em sua casa Manoela era uma criança. Por isso, um pijama do *Ursinho Pooh* a esperava em sua cama. Manoela amava o frio, assim como amava a noite.

— Eu amo tanto isso, Naná! — a morena disse antes de levar mais um bolinho de chuva, que combinava perfeitamente com o tempo chuvoso.

— Tem para mim? — Bianca perguntou entrando na cozinha.

— Se demorasse mais não teria. — sorriu.

Sua família era apenas as duas e os dois jardineiros, que também moravam por ali. É uma família pequena e bem anormal, mas era a melhor família que alguém poderia ter.

— Vou fechar as janelas. — Manoela se levantou ao ver que o vento havia mudado de lado.

— *Socorro!* — a voz era abafada, mas continha desespero. — *Socorro!*

Percebendo que era um de seus vizinhos, Manoela se dirigiu para fora da casa, seguindo a voz.

Um caminhão de bombeiro estava parado na estrada. Logo na sua frente, a casa se perdia nas chamas.

— Minha filha está lá dentro! — a jovem se assustou quando uma senhora pegou em seu braço. — Me ajude!

Sua primeira reação foi querer chamar um dos bombeiros, mas, ao perceber que os dois homens estavam preocupados em apagar as chamas, decidiu fazer algo por conta própria.

— Sabe me dizer onde ela está?

— Ali. — a senhora apontou para o segundo andar.

Manoela se aproximou e, vendo que daria para se pendurar na grade, começou a subir.

Era arriscado? Era! Mas sua consciência não a deixaria dormir, caso não fizesse nada.

— *Mamãezinha...* — um sussurro foi ouvido quando ela alcançou a grade do segundo andar.

Sua intenção era pegar a menina e descer. Daria certo se a grade do terceiro andar, onde o incêndio começará, não ameaçasse cair. Já prevendo o que aconteceria, Manoela puxou a criança que estava perto da janela, e juntas elas caíram na grama. Não demorou muito e a grande e fumegante janela do segundo andar também caiu. Querendo proteger a criança, a mulher se colocou por cima, fazendo com que todo o impacto caísse sobre ela.

Manoela sentiu seu rosto queimar. Seus olhos ardiam fortemente, logo ela fechou os olhos tentando diminuir a ardência.

Sentiu a movimentação ao seu redor.

— Vamos levar a senhorita para o ambulatório. — um dos bombeiros disse, antes de levantar a mulher.

Era a décima vez que Manoela se olhou no espelho. A grande cicatriz que tomava todo o rosto direito e metade do esquerdo. A cicatriz pegava o cantinho de seus olhos, o que lhe causou cegueira de um olho.

— O jantar está na mesa, querida. — Naná anunciou entrando no quarto.

— Acha que está muito feio? — ignorando o anúncio da mulher, Manoela questiona o que tanto lhe incomodava.

— É claro que não! É tão linda por dentro quanto por fora. Sua cicatriz lhe mostra o quão corajosa você foi. Não se sinta menor por isso, eu sinto orgulho de você, filha. — Beatriz sorriu. — Vamos, o jantar já está na mesa.

Naquele momento Manoela acreditou nas palavras da amiga, mas os dias se mostraram ao contrário. As pessoas, aos poucos, foram se afastando.

Então ela soube que nada seria como era antes.

Capítulo 1 ♥

Seus músculos pediam por um alívio. A sensação que lhe dava era que a qualquer momento suas pernas desabariam.

A chuva começou a cair e se misturou com seu suor.

Tensão. Dor. Chuva. Passos.

Passos. Chuva. Tensão. Dor.

Manoela não pretendia interromper sua corrida, mas o toque de seu celular não colaborou.

— Que é, Beatriz?

Manoela respeitava Beatriz como um filho respeita a mãe. A senhora está com ela a anos. Várias foram às vezes em que a mulher chegava devastada do trabalho, precisando de alguém para lhe acalantar. Beatriz estava ali. Ela sempre estava.

No começo as pessoas tentavam agir normalmente. Sorriam e conversavam como se nada houvesse acontecido. Mas, no horário do almoço a conversa era outra. *Afinal, quem é que quer fazer a refeição perto de uma monstra?*

Era isso que Manoela era.

Sua enorme e feia cicatriz a tornava essa mulher repugnante.

Sua visão esquerda, que antes não valia nada, hoje consegue detectar algumas sombras.

Isso não melhorava seu humor.

— Tem uma mulher querendo falar com a senhora.

— Dispende. Não vamos contratar ou comprar nada.

— Mas...

— Já disse Beatriz!

— É uma assistente social.

Assistente social?

Rapidamente Manoela buscou em sua mente se, em uma de suas defesas contra os muitos ataques recebidos, havia agredido alguém.

— O que ela quer?

— Deseja conversar pessoalmente com a senhora.

— Estou chegando.

Não esperou resposta. Não precisava de uma.

Recuperando seu fôlego, a mulher voltou a correr, dessa vez em outra direção.

A mansão Avilar por muito tempo foi um exemplo de casa e jardim.

Uma grama verdinha, sempre bem aparada. Flores de todos os tipos e cores. Árvores que, em épocas devidas, sempre carregavam frutos deliciosos.

Manoela sentia orgulho em mostrar o jardim que os pais sempre cuidaram com tanto carinho. Mas todo esse orgulho foi em bora, junto com toda a sua alegria. Hoje, a mansão Avilar nada mais é do que uma enorme casa velha e abandonada.

— Cadê a mulher? — retirando os fones do ouvido, questionou.

— Na sala de jantar. Ofereci um café a ela. — Beatriz explicou.

— Irei tomar um rápido banho. Uns dez minutos, e então pode mandá-la para o escritório.

— Certo. — Manoela deu um passo, mas logo parou. Sabia que a outra tinha algo a mais a dizer. Por isso ergueu uma sobrancelha e esperou impacientemente.

— É uma funcionária do juiz, não desacate ela.

— Dez minutos, Beatriz.

Manoela subiu as escadas rapidamente, ignorando o comentário anterior da senhora.

— Bom dia, senhora Avilar. — a mulher cumprimenta assim que Manoela se senta. — Me chamo Ana Paula e sou...

— Assistente social, eu sei. Quero saber o que quer comigo?

— Vim a pedido do juiz da vara da infância e juventude...

— E o que o que esse juiz quer comigo?

— Se a senhora me deixar terminar de falar, talvez eu possa explicar.

— Como quiser. — disse com desagrado.

— Bem, recentemente recebemos o caso da criança Victória Avilar de Andrade. Os pais morreram em um trágico acidente de carro e a menina ficou órfã. Fizemos uma busca e a única parente apta para receber a criança é a senhora.

— Não acredito. Deve haver uma tia, avó ou sei lá! Alguém *bem* mais apto que eu.

— Entramos em contato com a senhora Elena de Andrade, madrinha da criança. Ela está a trabalho em Amsterdã e voltará dentro de quatro meses. A senhora ficará com a guarda da criança somente por esse tempo, logo a madrinha terá a guarda definitiva. — Ana Paula, percebendo o susto no rosto da mais nova, logo acrescentou. — Mas tudo bem a senhora não puder ficar com a criança. Mandaremos ela para o orfanato mantido pelo governo.

— Mas é claro que ela pode ficar!

Manoela fechou os olhos e respirou fundo, tentando não pensar em matar a senhora que tanto ama.

— Beatriz? — a pergunta saiu como um “*o que está fazendo aqui?*”

— Oh! — ela olha pelo escritório meio perdida. — Vim apenas perguntar se a senhora quer um café.

O olhar das duas mulheres caíram na assistente social, ambas esperando sua resposta.

— Não se preocupem comigo. — deu um meio sorriso.

— Não queremos, Beatriz, obrigada.

— Bom, a menina chegará na cidade depois de amanhã. Ainda estamos resolvendo as coisas para a viagem dela. Preciso que me dê resposta até amanhã.

— ela arrumou a alça da bolsa no ombro e se levantou.

— Certo. Beatriz irá te acompanhar até a saída. — dando um último olhar na deformidade da morena, ela logo se retirou.

Como faz para cuidar de uma criança? Manoela se perguntava, encarando o vazio.

Mais do saber cuidar de uma criança, ela precisava saber se ela *queria* cuidar de

uma

Apesar de todo o seu jardim aparentar o intenso descuido, Manoela se dedicava avidamente em cuidar de seus girassóis, sua flor preferida. Enquanto retirava os galhos e folhas mortas da planta, Manoela sentia o olhar de Beatriz seguindo-a como uma águia.

Beatriz, mulher já vivida, sabia diferenciar pessoa de índole boa e má. Sabia também o quão bom era o coração da patroa.

— Não adianta me perseguir, Beatriz. Já tomei minha decisão.

— Como pode negar teto para uma criança? Não sabe nem como funciona o tal orfanato.

— Uma criança que eu não conheço, vale lembrar. O orfanato é mantido pelo governo, não deve ser tão ruim assim.

Beatriz ainda ficou olhando para a jovem, tentando ver a verdade em seu olhar.

— Sabe o que mais me dói? — a moça fez que não. — É que você está se tornando o monstro que todos pintam. Não faça isso, não corrompa seu coração.

Sem esperar resposta, Beatriz saiu, deixando a jovem perdida em pensamentos.

Capítulo 2 ♥

De quê adianta a fama horrível que Manoela tem, se seu coração é o mais molenga de todos?

Nem gelatina é tão mole assim!

— Tudo bem então, senhora. Amanhã mandarei um carro para trazer a menina. Manoela concordou. Vendo a mulher se levantar.

Ana Paula ainda estava parada na porta, olhando para Manoela de uma forma estranha.

— Não vai se arrepender. Victória é a menina mais doce que já conheci.

Dane-se! Queria responder, mas apenas engoliu o caroço de sua garganta, concordando outra vez. Estava maleável demais e isso não era certo.

Ao se ver sozinha no escritório, Manoela caminhou até ficar diante de uma enorme janela de vidro, que ia do chão ao teto. Um vidro temperado de qualidade e muito resistente que, por muito tempo, se manteve escondido por uma cortina bege. A jovem, então, colocou as mãos no pano, querendo fortemente arrastar ele para o lado. Mas algo impediu que ela o fizesse.

“ — Não acha que aqui está muito fechado? — perguntou Beatriz.

As duas estavam fazendo uma faxina completa no escritório que a muito precisava.

— Não.

— Ah, minha filha. Esse lugar é tão lindo, com esse lindo papel de parede. Fora que a visão do outro lado é espetacular.

Há quanto tempo Manoela não abria essa janela? Isso ela não sabia dizer.

— Bem, já limpamos quase tudo. Vou apressar o almoço e depois iremos ver esses papéis. — apontou para a enorme caixa de papelão.

Manoela, aproveitando a solidão, caminhou até a janela e afastou as cortinas.

A visão era realmente maravilhosa! Pegava desde seu jardim, até o começo de uma pracinha mais afastada. Pessoas iam e viam pelas ruas, sorrindo e desejando um “bom dia”.

Será que eles também tem algum problema? Questionou-se a moça.

Ao olhar novamente para a pracinha, uma cena chamou sua atenção.

Uma mulher, sentada em um banco de madeira, chorava com as mãos no rosto. Mais afastado, estava um homem, que olhava de um jeito desconfortável para a moça. O homem parecia sofrer junto com ela. De repente, ele se aproxima, se ajoelha e retira as mãos do rosto da mulher. Eles conversam sobre algo e logo a mulher se joga em seus braços, como se, naquele aperto, todos os seus pedaços se juntassem.

Por um instante, Manoela quis viver algo assim.

A moça queria receber um abraço apertado, um abraço que juntasse todos os seus cacos. Um abraço que a conforta-se e que alivia-se suas dores.

Um abraço que lhe dissesse “eu estou aqui”.

— Olha só, se não é a Monstra? — um grupo de jovens chamou sua atenção. Eles estavam parados perto de seu portão, e tinham uma ótima visão de seu escritório. — Acho melhor voltar a fechar as cortinas, ninguém é obrigado a olhar para isso. — apontou para o rosto da jovem. Os outros garotos que estavam com ele riram como se fosse uma ótima piada.

Manoela não ligou para as brincadeiras sem graça de um banco de “crianças” que nem bem saíram das fraldas. O que mexeu com a moça, foi os outros olhares das pessoas que estavam ali por perto.

Pena. Desconforto.

Rapidamente a moça fechou as cortinas e, ainda parada perto da janela, lembrou que ela jamais poderia ser abraçada daquele jeito. Ao sentir uma gota pingar em seu colo, Manoela se deu conta das lágrimas que banhavam sua face.

“Por que, Deus?”

Quis gritar a pergunta, mas apenas limpou a face e, colocando um sorriso no rosto, a moça desceu para o andar de baixo como se nada houvesse acontecido. Mais uma vez...”

O vento gelado e a fina garoa deram boas vindas a mulher, mas nada disso

importava a Manoela.

Ela corria. Forte e violentamente.

Corria com vontade e com raiva.

Algumas pedras pareciam perfurar seu tênis, o que provocava um grave desconforto em seus pés.

“A dor de fora ameniza a de dentro.”

Mentalizou sua frase de sempre.

Quando seus pés já não aguentavam mais, ela desabou de joelhos.

— Ahhh! — seu grito saiu misturado com seu choro e foi ecoado pelo alto barranco em sua frente.

Descontroladamente, a mulher começou a socar a si mesma. Um tapa aqui, um arranhão ali. Sentia que se puxasse seu cabelo, poderia arrancar fio por fio. Quando sua unha perfurou sua cicatriz, ela se deu conta do que fazia e de onde estava.

— Não aguento mais. Meu Deus eu não aguento mais... — seu olhar se fixou na ponta do barranco que, por sua vez, era muito alto. Pensamentos ocorreram em sua mente...

Não havia ninguém por perto, já passava da meia noite. Talvez, só talvez, ela pudesse resolver tudo de uma vez por todas.

Parecia tão certo...

Sua dor acabaria...

Começou então a caminhar até a ponta, com o olhar fixo em seu objetivo.

Mais um pouco e logo estaria lá em baixo.

— Opa, te peguei! — uma voz masculina sussurrou, assim que duas mãos firmes agarraram sua cintura.

Seu torpor havia passado, Manoela então se viu sentada no chão.

— Eu tentei me matar. — murmurou com horror. — Meu Deus! O que eu queria fazer?

— Ei, ei... está tudo bem! — Manoela viu o estranho retirar a blusa de frio e colocar sobre ela. — Está tudo bem. — repetiu.

Mas ela sabia que não estava.

Sua dor era distraída, mas logo ela voltaria.

Esse pensamento fez tudo piorar.

— Não consigo respirar!

Manoela puxava fortemente o ar, mas sentia que ele não fazia o caminho devido.
Era uma crise!

— Moça, olhe para mim — pediu o homem. — Você está respirando sim. Faça como eu, certo? Vamos juntos? — a moça concordou desesperada. — Puxa e solta lentamente. Puxa e solta lentamente...

Fixando seu olhar no peito do homem que subia e descia, Manoela fazia o mesmo.

— Está tudo bem. — o homem disse novamente.

E ela acreditou.

Naquele momento, pela primeira vez em tempos, alguém se preocupou com ela. Então ela acreditou que sim, tudo ficaria bem.

Porque ela não estava sozinha.

CAPÍTULO 3 ♥

— O jantar está quase pronto.

— Hoje é dia de visitar a associação, mãe.

— Não acho isso justo! — a senhora bateu o pé no chão. — Fica longe de mim e, quando vem, precisa ir para a associação. O que foi? Não me ama mais?

— Senhor! Quanto drama, mãe. Que tal nós jantarmos e logo depois irmos juntos a associação? Aposto que as crianças iriam amar pintar novos quadros.

Abrindo o maior sorriso de todos, Cristal concorda.

— Tem razão! Vamos, temos coisas a fazer. Vou pedir ao motorista para retirar o carro.

— Mas eu não jantei ainda, mãe! — Luiz Eduardo reclamou.

— Está esperando o que para ir comer? — sua mãe, e tão pequena e emburrada, batendo o pé ficava ainda mais adorável. — Vou avisar seu pai que estamos de saída.

Luiz Eduardo sabia da história dos pais. Sabia do trágico acidente que sua mãe sofreu. Sabia também que Cristal não era sua mãe biológica, mas cuidará dele com todo amor e carinho do mundo. Foram os ensinamentos dela e de seu pai que o fez ser o homem bom que era hoje.

Sim, ele era um homem bom. Sempre tentando ajudar quem precisava, sorrindo todos, era voluntário em tantas associações que ficava difícil de contar. Então sim, ele poderia se considerar um bom homem, de uma boa índole.

Após jantar, ambos se encaminharam para a associação. No porta malas vinha as grandes telas em brancos, cavalhetes, tintas e pincéis. Eduardo sabia que todo o material ficaria por lá mesmo, já que sua mãe não teria coragem o suficiente para trazer embora.

Em instantes o juiz estacionou o carro e, logo após descer, abriu a porta para que sua mãe também o fizesse. Pacientemente Eduardo esperou que a mãe apoiasse a perna esquerda no chão, o que ela o fazia com certa dificuldade.

Já era tarde, mas a associação ficava aberta até o começo da madrugada.

— Senhor e senhora Montebello, é um prazer tê-los aqui novamente!

Uma das voluntárias os saudou.

— Estão todos no refeitório, querem ir até lá?

— Não. — Cristal sorriu. — Gostaria de montar as telas em algum lugar, se possível.

— Claro! Me acompanhe, por favor.

As duas saíram e, após observar, Luiz Eduardo também tomou seu rumo; a direção.

— Preciso que ela venha até aqui assinar alguns papéis da guarda provisória.

— Já deixamos avisado. Em breve ela estará aqui. — a secretária respondeu. — Aqui está a sua agenda atualizada, senhor. Tem uma reunião com o prefeito em poucos minutos. Ah, e o julgamento da empresa que fazia exploração de menores também é hoje.

— Certo. Apenas deixe a agenda aqui e e avise quando o prefeito chegar, por favor. — a moça se levantou.

O dia de Eduardo não havia começado bem. Na madrugada sua mãe havia passado mal com a perna. Por ter passado a noite em claro junto ao seu pai, sua

cabeça parecia explodir e tudo o que ele menos queria era aturar o prefeito e sua puxação de saco.

Mas, infelizmente, não teve muita escolha e, mesmo não querendo, estava de frente para o homem.

— Sei que é um homem ocupado, e agradeço por me receber. — o homem disse, assim que deram um aperto de mão.

— O que precisa, senhor prefeito?

— Breve começará a nossa festa beneficente. O senhor sabe, ajudamos os asilos e as instituições carentes. Gostaria de saber...

— Tem meu apoio, sabe disso. — Eduardo era um homem direto.

— Seu, agradeço por isso também. Sabe, minha querida filha virá de Paris para presenciar a festa. Lembro-me de como eram bonitos juntos. Nunca soube o porquê do término, mas acho que talvez possam conversar. Bom, Tatiana amadureceu muito e você também...

— Somos amigos, senhor prefeito? — o juiz interrompeu.

— Sim, somos.

— Não. Não somos. Apenas vivemos na mesma cidade e, em alguns momentos, trabalhamos juntos. Não te dei permissão para palpar em minha vida, espero que não faça isso novamente. — a voz do homem era firme.

Se sua mãe estivesse ali puxaria sua orelha na hora, lembrou Eduardo. Ela não gostava que o filho fosse mal educado e, para falar a verdade, nem ele gostava de agir assim.

Talvez tenha sido a dor de cabeça...

Eduardo terminava de por o tênis quando sua mãe apareceu na sala.

— Sabe que eu gosto que vá correr a essa hora. Você é um juiz, Luiz Eduardo!

— Um juiz da vara da infância, mãe.

— E daí? Seu pai era um juiz criminal, quem o odeia também odeia você.

— Não vai me acontecer nada, certo? — deixando um beijo na testa da mãe, Luiz Eduardo começou a sua corrida.

Correr, para ele, significava testar seus limites. Gostava de sentir o vento no

rosto, lhe dava uma liberdade. Não exigia muito de si e de sua perna, apenas corria como podia. Já estava no alto das grandes montanhas quando ouviu um grito.

Um grito de alguém que clamava por socorro.

Eduardo, que ao nascer precisou fazer um transplante de coração de forma urgente, hoje era um grande apreciador da vida. Por isso, ao ver a moça que caminhava para por um fim na dela, não teve outra reação a não ser ir atrás.

Ninguém se mataria perto dele!

— Te peguei! — disse ao segurar ela.

A moça se sentou no chão, resmungando sobre ter atentado contra a própria vida. Ele também se sentou e, ao ver a moça tendo uma crise, procurou acalmá-la.

Capítulo 4 ♥

— Mais calma? — ele perguntou enquanto passava as mãos em seus ombros, gesto que o trazia calma, talvez funcionasse para ela também.

A moça, que já estava com a respiração estável, não levantou o olhar para ele quando respondeu:

— Sim. Me desculpa, eu não quis parecer uma doida.

— Não te achei uma doida! — Eduardo diz rapidamente. — Apenas vi uma pessoa que precisava de ajuda. *Uma pessoa que gritava por socorro.* — concluiu baixo.

A moça, enfim, levantou o olhar para ele.

“Será que ela se ofendeu?” pensou o rapaz, quando viu os olhos lacrimejantes da mulher.

— Disse alguma coisa errada?

— Não. — ela responde, após alguns segundos como alguém que saiu de seu

topor.

— Eduardo. Luiz Eduardo. — ele lhe estende a mão.

— Manoela.

— Me diga, Manoela, está de carro?

— Não. Na verdade tinha saído para correr.

— Correr nesse horário? — ele perguntou aparentando indignação.

“Como uma mulher se atrevia a correr naquele horário?”

Manoela olhou dos pés a cabeça do homem. Tênis de corrida, calça e blusa de moletom.

— E você não estava fazendo o mesmo? — apontou.

— Sim, mas eu sou homem.

— Ah, vai te catar! — xingou, se levantando do chão.

— Cadê a moça indefesa de agora pouco? — Eduardo perguntou, também se levantando.

— Não sou uma moça indefesa e não gosto do seu machismo!

Ele parou, talvez pensando em suas palavras.

— Certo. Minha mãe também não gostaria disso — disse mais para si mesmo, e Manoela poderia jurar que havia medo ali.

“Vejam só, um baita homem desses tem medo da Mamãezinha.” Quis rir.

— Desculpe pela forma como as palavras saíram de minha boca. — ele pede. — Vamos, vou te acompanhar até sua casa.

— Não precisa, de verdade.

— Você acabou de ter uma crise, ainda está vulnerável. E isso não tem nada haver com machismo — se apressou em dizer, quando viu o olhar dela. — Apenas quero ter certeza de que estará bem e acho que precisa de companhia, já que parece meio maluca.

— Maluca? Me chamou de maluca? — Manoela estava indignada. Como ele se atrevia? — Muluco é o pai de seus filhos! — começou a andar. — E não se atreva a me seguir! — a moça continuou a andar e a resmungar. — Maluca... eu vou mostrar quem é a maluca... — sua voz ia diminuindo conforme se afastava.

Eduardo, que ainda estava parado, sorriu largamente ao ver a braveza da mulher. Mesmo com medo de apanhar — sim, a pequena fera ali na frente o deixou com medo —, ele acompanhou a moça, ficando bem atrás dela.

Manoela ainda resmungava enquanto andava rapidamente. Cada xingo era um pisão forte no meio da estrada de terra.

Eduardo poderia jurar que, se ela pisasse um pouco mais forte, um buraco se abriria ali.

Andaram bastante e quando finalmente pareceram chegar na casa de Manoela, ele se preparou para retomar o caminho.

Manoela quis agradecer. Sabia, mesmo sem demonstrar, que Eduardo a seguia. Mas, mesmo querendo dizer um “obrigada” a única coisa que fez foi sorrir.

— Que homem doido. — disse ao entrar na casa.

Depois de fechar o zíper da mochila a menina soltou um suspiro.

O que seria dela?

Tão nova e com um futuro tão incerto.

— Não vai brincar? — uma das pequenas perguntou com a respiração ofegante, causada pelas tantas brincadeiras.

Victória era a mais velha ali, com doze anos. O abrigo era dividido em dois blocos. O bloco 1 abrigava crianças de sete à doze anos. Já no bloco 2 ficava as crianças de treze a dezoito anos. Havia também o maternal, mas esse era um pouco mais distante.

Victória gostava de ir lá.

Achava lindo todos os bebês e passava todo o tempo ajudando a cuidar deles.

— Não, vá você se divertir. — sorriu.

— Está feliz porque vai embora?

Ela estava? Não sabia responder.

Talvez, só talvez, a ansiedade e insegurança estivessem fazendo uma guerra dentro dela.

— Não sei. — resolveu ser sincera na resposta.

— Eu estaria. Tudo o que eu mais quero é uma mamãe e você vai ter uma agora.

Victória quis dizer que a mulher com quem moraria não era sua mãe, mas, para não tirar a inocência e o sorriso da criança, apenas sorriu.

O carro deslizava pelas ruas sem dar sinal de parada. Victória aproveitava para observar tudo ao seu redor. A menina gostava muito quando a cozinheira a chamava para ir fazer feira, isso acontecia todo sábado.

— Você ficará por pouco tempo com sua tia, logo sua madrinha virá te buscar.

Victória assentiu. A criança tinha pouca idade, mas já havia passado por bastante coisa, queria apenas um lugar tranquilo.

Depois de algumas curvas o carro virou em uma rua vazia. Cinco casas, foi o que a menina contou mentalmente. Cinco casas descuidadas e com placas de imobiliária. Havia também uma pracinha com um pequeno parquinho. O vento frio do inverno fazia algumas folhas da grande árvore voarem e balançava fracamente o pequeno balanço. Um cenário bem estranho, já que quase todas as ruas eram movimentadas. O carro foi diminuindo a velocidade, fazendo Victória mudar o olhar. Mais a frente, do lado direito da rua, uma enorme casa chamou toda a sua atenção.

— Vamos. — a mulher chamou descendo do carro.

A criança fez o mesmo. O grande portão preto, ao ser aberto, fez um barulho irritante. O jardim era enorme, mas muito mal cuidado.

Desde pequena a criança sabe o que é passar por situações difíceis, mas nenhuma delas a deixou com tanto medo.

— Oh! — a porta foi aberta por uma senhora. — Como você é linda, criança!

— Obrigada. — a menina agradeceu sorrindo.

— Venha, entre.

Surpreendentemente o interior da casa era completamente diferente do lado de fora. As paredes eram em tons claros, assim como os móveis. Tudo estava perfeitamente organizado e o ambiente exalava um ótimo cheiro de lavanda. Um barulho de salto batendo contra o piso foi ouvido, a menina então olhou para o alto da escada, onde vinha o barulho.

Uma mulher de roupas escuras e saltos altíssimos apareceu. Seus longos cabelos castanhos eram lindos e escorriam liso. A mulher ainda mantinha a cabeça baixa, mas, quando chegou na metade das escadas, ergueu a cabeça. Ela não sorriu e nem disse palavras acolhedoras, apenas continuou olhando firmemente.

Ao notar a enorme cicatriz em seu rosto, Victória entendeu o porquê do olhar duro da mulher.

— Oi, tia. — sorriu alegremente, mas a mulher apenas fechou mais ainda a cara.

Capítulo 5 ♥

— Oi, tia. — a voz infantil deixou Manoela ainda mais irritada.

Rapidamente ela desceu as escadas e se aproximou da criança.

— Não sou sua tia! — queria agarrar a criança pelo braço e chacoalhar até descontar sua raiva, mas precisava controlar sua vontade. — Agora vamos as regras. Não me dirija a palavra, a menos que esteja morrendo. — Victória sentiu seus olhos saltarem. — Não fique *zanzando* pela casa e não converse com os empregados, eles não são seus amigos. Ficaré aqui até que sua madrinha chefe, mas não quero sentir ou ouvir que você está aqui. Finja que é invisível e faça jus á isso!

A menina, que antes tinha um enorme sorriso na boca, sentiu um caroço na garganta. Queria chorar, mas algo dizia à ela que se chorasse tudo iria piorar.

— Não pode tratar a criança assim...

— É a minha casa, minhas regras. Não está satisfeita? Pegue ela e leve embora, irá me fazer um favor. — interrompeu a assistente social.

— Se a garota sofrer maus tratos...

— Não está na de você ir embora? Até o dia em que a madrinha chegar a criança estará viva.

Dando um último olhar para Manoela, a mulher saiu.

— Onde eu levo minhas coisas? — a voz da pequena saiu fraca.

— Em qualquer lugar aqui em baixo.

— Mas, senhora, aqui não há quartos...

— Dane-se! — Manoela rapidamente subiu as escadas, indo em direção de seu quarto; seu refúgio.

— Olha o que eu trouxe! — Beatriz disse entrando, com muita dificuldade, no pequeno quartinho da limpeza que forá improvisado em um quarto para a pequena. Em suas mãos havia uma bandeja com cookies e chocolate quente.

Victória, que retirava suas coisas da pequena mochila, sorriu. O cheirinho do chocolate fez seu estômago roncar, com toda a ansiedade em saber quem seria sua nova tutora, a pequena não havia comido nada.

— Obrigada. — agradeceu ao levar um dos cookies a boca.

— Ela não é sempre assim. — Beatriz começa a falar, quebrando o silêncio. Victória levanta os olhos para prestar mais atenção na mulher. — A *minha* menina é um doce de pessoa, mas, infelizmente, foi confeitada com um pouco de sal em cima. — ela sorriu.

— Tudo bem, eu não me importo.

“Conheci pessoas piores”, ela quis dizer.

Beatriz, entendendo que a menina quis encerrar o assunto, mudou o foco da conversa.

— Eu te ajudo com as roupas enquanto você come. — pegou algumas peças da mochila e avaliou. — Não é uma roupa propícia para o frio que faz aqui.

— Onde eu morava era quente. — sorriu explicando.

Logo o assunto engatado foi sobre o tempo e as flores da primavera.

Victória se sentia um pouco aliviada, estava longe da tia como lhe foi pedido, e conversava animadamente com Beatriz.

Olhando pela fresta da porta, Manoela sentiu uma parte sua querer fazer parte daquilo.

— Sabe o que dizem da tal mansão? — Eduardo negou. — Que fantasmas habitam ali.

O juiz quis rir.

— Existem vários boatos sobre o incêndio, mas a verdade é que ninguém sabe como aconteceu realmente. Dizem que uma moça, mais jovem e apaixonada, fez

uma *macumba* para a família, por isso incêndio.

— Sim. Acho que tal feitiço caiu sobre a médica que tentou ajudar, por isso a casa dela é mal assombrada.

— Fantasmas? Mansão mal assombrada? Vocês viajam!

A história estava sem pé e nem cabeça, mas Luiz Eduardo gostava daquilo. Suas irmãs e seus pais reunidos, conversando e rindo.

— Cadê a mamãe?

— Foi buscar a sobremesa.

Esse rã um costume teimoso de Cristal; em meio a tantos empregados, ela insistia em querer ajudar.

— Estavam falando de mim? — a matriarca voltou a sala de jantar sorrindo. Mas seu sorriso logo foi em bora, dando lugar a uma careta. — Aí! — gemeu, derrubando a torta onde havia *cheesecake* de frutas vermelhas.

— O que houve?

— Meu joelho, filho.

Com ajuda dos filhos e do marido, Cristal se sentou e levantou a barra do vestido. O grande pelote na ponta do joelho assustou todos.

— Meu Deus!

— Vamos para o hospital.

De repente, a noite que começou tão agradável, aparentava terminar trágica.

***Capítulo 6* ♥**

— Cadê aquela peste? — Manoela, tomada pela fúria, perguntou gritando.

— Quem?

— Cadê ela, Beatriz? Sei que vocês duas andam de conversinhas pela casa. Onde ela está? — perguntou pausadamente.

— Não sei, a deixei no quarto.

Subindo os degraus de dois em dois, as duas logo estavam no segundo andar, rumo ao quarto da pequena. Rapidamente Manoela abriu a porta, o barulho assustou Beatriz.

— Onde está, peste?

— Ela não está aqui. — Beatriz concluiu ao terminar de procurar junto a patroa.

— Chame todos os empregados dessa casa! Quero todo mundo atrás dessa peste.

Um pouco distante da mansão, Victória caminhava rapidamente sobre a fina neve — o mais rápido que suas pernas curtas permitiam — ofegante, a menina sentia seu coração disparar no peito. Colocando as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego, a menina respirava com dificuldade.

“Talvez ela nem perceba ou sim, mas desista de procurar”, pensou já que a tia demonstrava tal desprezo.

Um relincho fez a criança saltar do lugar. Em sua frente estava dois cavalos brutalmente *fortes*.

— Oh, meu Deus! — lentamente foi dando alguns passos para trás.

— Como não acharam? Uma menina de doze anos deu um baile em vocês! Quando eu encontrar aquela praga...

— Senhora! — o moderno entrou ofegante na sala. — Achamos a menina.

— E cadê?

— Na floresta.

— Na floresta?

— A senhora que vende leite pelo bairro disse que viu ela correndo naquela direção.

— Logo ela voltará.

— Existem *cavalos selvagens* lá... — Beatriz disse em um murmúrio.

Cavalos selvagens é o nome dado para os cavalos geneticamente modificados. São cavalos usados em brigas clandestinas e, devido aos maus tratos, são bem agressivos. Por sofrerem nas mãos de seus donos eles avançavam em qualquer um. Eram treinados para matar.

— Vamos atrás dela.

O frio estava forte devido ao intenso inverno. O chão estava um pouco escorregadio por causa das neves. A floresta não ficava muito longe da mansão. Bastava apenas atravessar a rua, andar um pouco e subir um morro.

— Victória! — começaram os três começaram a gritar.

Alguns minutos procurando, até ouvirem um gemido perto da clareira.

A menina estava ali, caída no chão, com o corpo machucado e coberta de neve.

Manoela retirou seu segundo casaco e, pegando a criança no colo, o colocou sobre ela.

— Vá na frente e prepara o carro. — ordenou ao mordomo. — Procure os documentos dela, Beatriz.

Os dois empregados correram na frente, enquanto a patroa trazia a menina no colo.

“É consciência pesada”, pensou o mordomo.

Mal sabia a angústia que tomava o coração da médica.

Luiz Eduardo carregava em suas mãos dois copos de chocolate quente, entregando para suas irmãs logo em seguida.

— Eduardo, amigo, como vai? — Sérgio, médico oncologista e também ex colega de faculdade de Eduardo, cumprimentou.

— Angustiado. Me diga como ela está?

— Infelizmente não trago boas notícias. — o médico apertou os lábios. — A perna mecânica causou um ferimento no joelho, vamos precisar operar o local.

Mais uma cirurgia...

— Podemos vê-la? — a irmã mais nova perguntou.

— Sente três pessoas. Com licença, preciso ver outros pacientes.

— Podem ir vocês primeiro. — Eduardo disse encostando na parede.

Os três logo entraram no quarto, deixando o corredor vazio. Vazio esse que não durou muito tempo.

Alguns enfermeiros vinham empurrando a maca rapidamente até a entrada do hospital. Sérgio vinha atrás.

— É uma emergência! — foi a única coisa que ouviu pois seus olhos estavam focados nela.

Manoela!

A triste e bela moça.

O ar quente do hospital acalmava uma parte de seu coração, a outra batia angustiadamente.

Não fazia vinte e quatro horas que a menina estava em sua custódia e já estavam em um hospital. O que seria da criança até a tal madrinha chegar?

— É a responsável pela menina Victória? — ela assentiu para o médico. No momento sua voz não estava muito confiável. — Ela está bem, na medida do possível. Alguns machucados e luxações devido ao frio, mas nada muito grave relacionado a hoje. — Manoela deixou um suspiro escapar. — Mas no exame de sangue vimos algo errado.

— O quê?

— Não sabemos. Aí é que está o problema, não conseguimos identificar a doença. Viu te encaminhar para uma pediatra especialista. — carimbou uma folha e estendeu a ela. — Mais três horas em observação e ela logo terá alta.

Como o médico se atrevia a lhe jogar uma bomba como aquela e saia como se nada tivesse acontecido?

— Olha só que mundo pequeno...

— Cidade pequena, você quer dizer. — Manoela sorriu ao ver Eduardo. — Está me seguindo novamente?

— Embora a ideia seja tentadora, a resposta é não. Um parente meu está internado aqui. — E você?

— O mesmo. — quis sorrir novamente, mas dessa vez conseguiu prender o sorriso.

Estranhamente o estranho conseguia arrancar vários sorrisos dela. Manoela ainda não sabia se isso era bom ou não...

Capítulo 7 ♥

A noite já estava se findando e dia dando as caras, mas Manoela continuava acordada. Sua mente se dividia entre a criança doente — isso porque era sua responsabilidade, pelo menos era o que ela dizia a si mesma o tempo todo —, e entre ele... Um maldito que lhe arrancava sorrisos como nunca!

Queria ver ele novamente. Queria descobrir onde era sua casa. Seu trabalho.

— Meu Deus! Estou me tornando uma psicopata. — rindo bobamente, ela cobrir o rosto com as mãos. — Não, já chega, Manoela! Você não é mais uma adolescente. — tentou ficar séria.

Vendo que o dono não chegaria tão cedo, ela resolveu levantar e tomar um banho. A água estava quentinha, perfeita para um longo banho.

Após o banho, Manoela parou em frente ao espelho que estava embaçado pelo vapor. Passou as mãos nele, limpando o que podia.

Não havia nada de atraente nela. Como um homem tão jovem poderia se encantar por ela? Precisava parar de se iludir dessa forma, ou algo ruim aconteceria em breve.

Queria passar reto para a cozinha, mas sua consciência não permitiu.

“É a responsável por ela.”, lembrou.

Abriu a porta lentamente, provavelmente a criança dormia.

Dito e feito!

Percebeu que a coberta dela estava caindo. Bufou e caminhou para arrumar. Cobriu a menina até que achar que estava bom. Olhou para ela minuciosamente, seu rosto branco ainda estava um pouco avermelhado.

Ao chegar na poeta, a voz baixa da menina lhe parou:

— Eu só queria te ajudar...

— Como? — Manoela se virou novamente para ela.

Victória se arrumou na cama, sentando-se e puxando a coberta até o pescoço.

— Eu vi que você ficou horas mexendo nos girassóis e que havia bastante para terminar, então eu quis te ajudar. Pensei que assim... talvez... você gostasse mais de mim... — a menina se atrapalhou nas palavras.

— Não deveria mexer no que não é seu.

— Eu sei. — ficaram um tempo em silêncio, ambas constrangidas. — Por que não gosta de mim? — Victória sentiu seu olhos arderem pelas lágrimas.

— Eu...

— Não foi fácil perder meus pais, tão pouco viver em um abrigo. Mas ser desprezada por você parece ser mais difícil. O que foi que eu te fiz?

O que havia no remédio dessa criança, Meu Deus? Por que desatara a falar do nada?

— Acho que você precisa voltar a dormir...

— Uma vez uma irmã de caridade me disse lá no abrigo que as coisas ruins deve nos ensinar a sermos bons. Precisamos dar a vida o que queremos receber. Não sei o que aconteceu com você, mas, talvez, você tenha entendido errado o que a vida quis lhe dizer.

Havia tanta maturidade em suas palavras. Victória não aparentava ter somente doze anos.

De alguma forma, a menina sentiu as barreiras da mulher cedendo.

— Ser uma pessoa ruim é questão de escolha, você não precisa escolher isso...

— Não me conhece. É apenas uma garota mimada e irritante.

— Não. Eu sou uma garota que, desde cedo, aprendeu a sorrir para a vida,

mesmo quando tudo dá errado. — um tapa doeria menos em Manoela. — Podemos fazer algo?

— O quê?

Victória se levantou, vestiu um casaco grande por cima de seu moletom e pegou na mão da tia dizendo:

— Vamos!

Desconfiada, Manoela seguiu a sobrinha mesmo sem saber para onde iria.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou quando chegaram em uma praça com bastante gente. Ao longe, um homem *gordinho* e careca pedia para que as pessoas ali escrevessem em um papel sentimentos ruins que lhes rondavam.

Victória retirou de dentro do caderno uma caneta e estendeu ambos a tia.

— Escreva tudo o que está sentindo.

— Não sou uma criança, menina. Quer brincar? Procure o filho de algum empregado.

— Você disse que iria participar...

— Disse nada! Você me trouxe arrastada!

Victória revirou os olhos.

— Tenho apenas doze anos, não tenho tanta força assim. Se você quisesse poderia ter se soltado.

Touché!

— Escrever o que está sentindo não vai doer mais do que já está.

Com raiva por ser colocada no lugar por uma criança, Manoela puxou o caderno bruscamente.

Raiva. Foi a primeira palavra.

Tristeza

Angústia.

Solidão.

Entregou o caderno para a menina, vendo se ela lia. *Ela não o fez.*

Ao redor várias outras pessoas também escreviam em um caderno.

— Agora dobrem a folha em um formato de avião. Juguem bem alto aqui em

minha direção. — pediu o homem dando uns passos para trás. O chão logo estava cheio de papéis. — Agora cada um vai pegar um avião e não pode ser o seu.

Evitando de ir mais para frente, Manoela pegou o que estava mais próximo.

— Abra e leia o que está escrito.

O papel do desconhecido era tão depressivo quanto o seu.

— Veja que você não é a única pessoa com problemas aqui. Todos nós lidamos com batalhas diárias que podem ou não se tornarem problemas. Eu me chamo Tiago, sou psicólogo e fundador do grupo “*Depressão aqui não*”. Convido a todos a participarem do grupo que acontece todo sábado, aqui no parque...

Ele continuou a falar, mas Manoela puxou Victória pelo braço, indo em direção ao carro.

— Não gostou? — o medo de ser castigada transpareceu em sua voz. A ideia parecia tão boa em sua cabeça, mas a tia não respondeu. Apenas continuou puxando a sobrinha até o carro.

Será que seria castigada?

Capítulo 8 ♥

— Um grupo de apoio? — Beatriz prendeu o riso.

— Vê se eu posso com isso? Daquele tamanho e me afrontando desse jeito!

Manoela andava de um lado para o outro. Sentia seus nervos aflorarem.

Por que a sobrinha tinha que ser tão intrometida?

— Ela apenas quis ajudar, filha. Não pense que foi por maldade. — sorriu. A patroa não sabia, mas, pouco a pouco, se rendia aos encantos da sobrinha.

Como todos da casa.

Victória passava pelo corredor, quando viu Beatriz mexendo em algo no fogão. Timidamente, Victória entrou no comado e puxou uma cadeira para se sentar.

— Beatriz?

— Hum? — a senhora resmungou, sem se virar

— Por que eu vou morar na casa da minha madrinha?

— Porque ela tem a sua guarda, querida.

— Mas a tia Manoela também tem!

— É temporária. Assim que sua madrinha vier ela passa a ser sua tutora.

— E eu nunca mais vou ver minha tia?

Beatriz deu uma batidinha com a colher na borda da panela, limpou suas mãos no pano de prato que carregava no ombro, antes de se virar para a menina que, por pura ansiedade, balançava os pés freneticamente.

— Não sei, minha querida. Depende de sua madrinha. Mas por que essas perguntas agora?

— E se eu quiser ficar com a minha tia? — ignorando a pergunta de Beatriz, Victória voltou aos seus questionamentos.

— É complicado. Seria necessário que sua tia entrasse com o pedido de guarda. Um juiz avaliaria se suas condições são boas, e tudo mais.

— Onde eu acho um juiz?

A senhora riu.

— Olhe, isso é coisa de adulto, sim? Deixe tudo como está.

A menina concordou e a senhora voltou ao seu serviço, acreditando ter posto um fim no assunto. Mas, para Victória, o assunto estava apenas começando.

Iria achar um juiz que daria sua guarda a tia.

Em silêncio, Manoela observava a sobrinha manusear a tesoura com cuidado, cortando somente o necessário das plantas. Estavam em silêncio que, para tristeza da médica, não durou muito. Ao longe, um carro vermelho com um *banner* de algum parque, anunciava pela rua a nova atração da cidade.

Sem dar mais atenção para tal baboseira, Manoela voltou a podar as plantas. Todavia, por cima dos ombros, ela viu os olhos da sobrinha acompanhar o carro até o fim da rua.

— Gosta disso? — perguntou. Victória olhou com confusão nos olhos. — O parque. — acrescentou. — Gosta?

— Não sei, nunca fui em um. — não havia mágoa ou rancor na voz da criança, apenas conformidade.

— Hum. — Manoela respondeu e resmungou ao mesmo tempo. Não gostava do pensamento que estava rondando em sua mente.

— Vá trocar de roupa.

— Por que, tia?

— Porque eu estou mandando.

— Mas eu estou brincando.

— Não perguntei! Vou ao meu quarto e, quando voltar, espero que já esteja trocada.

— Que roupa devo vestir?

— Qualquer uma que seja de sair.

Talvez, tomar tal decisão não tenha sido a melhor. A muito Manoela não saia de sua casa, ao menos não para se divertir. Mas, surpreendente, a ideia de levar a criança para ver o parque a agradava e nem mesmo o pensamento das pessoas a olhando tirava sua vontade. Olhou novamente no grande espelho e gostou do viu. Bom, pelo menos a imagem do pescoço para baixo lhe agradava. Já o rosto... esse não havia muito o que fazer.

Pegou sua pequena bolsa com os documentos dela e da criança e seguiu para o corredor. Na ponta da escada Victória já lhe esperava, arrumada como lhe foi pedido.

A menina quis dizer a tia que estava linda, mas, com vergonha, apenas lhe seguiu até o carro. Não se aguentando mais de curiosidade, soltou a pergunta:

— Onde vamos?

— Para o parque.

A criança sorriu.

O motorista, mesmo tentando esconder, também sorriu.

E, mesmo que ninguém pudesse ver, Manoela também sorria. Um sorriso diferente, era um sorriso interno.

— Não solte minha mão. — pediu Manoela ao ver a quantidade de gente no parque.

A cidade era pequena, então sabia que parte dessas pessoas eram da cidade vizinha.

Victória sorria para tudo e olhava para os brinquedos com os olhos brilhando. Sentia uma euforia descontrolada dentro de si. Queria sair correndo e brincar em todos os brinquedos que havia ali.

— Vamos comprar os bilhetes, aí poderá escolher onde brincar.

Com os bilhetes já comprados as duas começaram a caminhar.

— Quero ir nesse, tia. — Victória pediu, apontando para a frente.

O brinquedo se chamava “*kamikaze*” e viravara de ponta cabeça. Os adolescentes que ali estavam gritavam até a garganta doer. Manoela já via um caindo lá de cima e morrendo, sabia que, em uma queda daquela, a chance de sobreviver era mínima. Pensou na sobrinha andando naquilo, colocando sua vida em risco. Sentiu o ar lhe faltar e coração disparar.

— Nem pensar! Vamos procurar outro. — correu os olhos pelos brinquedos. — Ali, que tal aquele carrossel?

Victória olhou para o brinquedo que rodava na velocidade de uma tartaruga e que havia somente crianças de um a sete anos.

— Tia!

— O que? Quer andar naquele treco monstruoso?

— Não sou mais criança para andar em um brinquedo como esse!

— Mas também não é adulta para andar naquele.

As duas estavam em uma discussão calorosa e não perceberam alguém se aproximando.

— Olá! — disse sorrindo.

Aquela voz... Manoela sentia um nervoso subindo por seu corpo e várias borboletas voando em seu estômago.

— Oi. — sua voz demonstrava seu entusiasmo em falar com o homem.

Depois de dias pensando somente nele, finalmente estava o vendo.

Quis gritar como uma adolescente em crise, saindo com o primeiro namorado.

Mas ela não era uma adolescente, não estava em crise e muito menos tinha um namorado.

Na verdade essa vontade de namorar alguém não lhe era atraente. Pelo menos não até agora...

Capítulo 9 ♥

Victória não era uma criança boba. Mesmo com a pouca idade, a menina entendia certos olhares. E o da tia, bom, esse não lhe escapava. As mãos suando, os olhos piscando rapidamente e os lábios que insistiam em manter um sorriso.

— Luiz Eduardo! — a voz saiu mais como uma comemoração. Quis bater em seu rosto quando teve essa conclusão.

— O que fazem aqui? — ele sorriu mais ainda. — Não, espera, pergunta boba essa minha. Estão sozinhas?

— Ah...

— Sim! — Victória respondeu. — Minha tia, doce como só ela, não aguentou me ver sofrendo em casa e me trouxe aqui.

Manoela sentiu a ironia escorrendo na palavra “doce”, mas, ainda sim, quis

sorrir. A sobrinha era mais terrível do que pensava.

— Que tia boa você tem.

— Sim, a melhor. Quer dizer, não tão boa assim, já que ela não quer me deixar ir naquele brinquedo. — apontou, ignorando o olhar atravessado da tia.

— Mas esse brinquedo é perigoso. Que tal se nós fôssemos procurar um brinquedo legal juntos?

— Você vai também? Tipo nós três? Quer dizer... — *Céus... Que vergonha!*

— Sim, se não se importarem.

— Não. Podemos ir então.

Pegando Eduardo com a mão que estava livre, Victória arrastou os dois pelo grande parque.

— Quero ir no carrinho bate-bate, tia.

— Certo.

Os três foram em direção ao tal carrinho. Minuciosamente, Manoela examinou o brinquedo, querendo ter a certeza de que era segura.

— Ela é tão especial assim? — a mulher não poderia dizer o que lhe deixou nervosa. Talvez fosse a pergunta, ou então a voz rouca do homem perto de seu ouvido.

— Por quê?

— Cuida tão bem dela. Viu como quis ter certeza de que o brinquedo era realmente seguro?

— Ah, não. Eu apenas quero me certificar que nada aconteça com ela enquanto eu tenho a sua guarda. — sorriu.

Estranhamente a vontade de sorrir a toa não saía de si quando o assunto era o homem.

— Olha só, a monstra resolveu dar o *ar da graça!*

Um grupo de adolescentes debocharam. Manoela tentou não ligar e disse a si mesma que tudo era culpa da bebida em suas mãos. Mas, infelizmente, ligou. O problema não era nem a brincadeira de péssimo gosto, já era acostumada com isso. O problema em si era o fato de Luis Eduardo presenciar isso. *O que ele pensaria?*

Luiz Eduardo, por sua vez, ao notar o desconforto e tristeza na mulher ao seu lado sentiu uma vontade incontrolável de dar uma lição nos *pirralhos*.

— Repita essa sua gracinha novamente e eu acabo com a vida de vocês e sumo

com seus corpos. Sou juiz, posso fazer isso.

A postura do homem assustaria até mesmo o mais valente dos homens. Ele era alto, Manoela daria quase dois metros para ele. Seu peito era largo e ficava marcado em sua camisa branca. *Ele deve morar em uma academia...* Seus braços também eram grandes e fortes. Mas o que mais chamava atenção era o seu grande cabelo que vivia preso em um coque e sua barba, muito bem cuidada por sinal.

— Não ligue para isso. — ele pediu após os meninos sumirem.

— Não ligo. Acredite, caro juiz, sou acostumada com isso. — tentou sorrir. *Um sorriso triste.*

Luiz Eduardo fechou as mãos fortemente, imaginando esses pirralhos provocando ela dessa maneira.

— São sempre eles? — sua voz saiu mais ríspida do que pretendia.

— Não sei, não coloco muito reparo em quem faz essas brincadeiras. — ela o olhou atentamente e notou uma veia pulsando em sua testa. *Tudo aquilo era nervoso? E nervoso pelo que, afinal?* — Está tudo bem! Olha, Victória já saiu do brinquedo, podemos ir comer algo. — ele concordou.

Enquanto caminhava Luiz Eduardo virou a cabeça para o lado discretamente. Lá estavam os adolescentes fumando e bebendo.

Eles teriam o que era deles. Jurou a si mesmo.

O tempo foi passando e, entre risos e brinquedos, Manoela chegou a conclusão de que essa foi a melhor noite de sua vida.

Luiz Eduardo insistiu em acompanhar elas e logo estavam em frente a mansão.

Victória alegou não estar muito bem e foi a primeira a descer do carro.

— Ela não deveria ter comido tantas bobearias. — Manoela disse ao se lembrar dos tantos carrinhos que vendiam os comes e bebes no parque. *Nada saudáveis, aliás.*

— É o que as crianças gostam.

O silêncio logo reinou ali, fazendo ambos se constrangerem.

Luiz Eduardo, diferente de Manoela, sempre teve muitos amigos; homens e mulheres, devido ao seu jeito descontraído e leal. Em todos esses anos ele nunca

ficou tão nervoso perto de alguém do sexo feminino.

O que era esse medo de errar? Medo de dizer ou fazer algo inapropriado.

O rádio do carro estava em uma estação qualquer e o locutor lia uma história de amor real. Tudo contribuía para o constrangimento dos dois.

Manoela esfregou as mãos na calça na tentativa de limpar o suor que molhava sua palma.

— Eu... — os dois falaram juntos.

— Você primeiro. — ele sorriu.

— Obrigada por nos trazer.

Eduardo não respondeu, apenas a olhou fixamente. Manoela, percebendo algo estranho passar em seu olhar, abaixou a cabeça.

Será que ele estava olhando sua cicatriz? Talvez estivesse com nojo.

— É tão linda! — ele disse ao mesmo tempo que levantava sua cabeça e acariciava sua bochecha. *Que toque bom! Era quente e confortável.* — Tão linda, Manoela, tem noção disso?

— Luiz...

— Sabe qual é a minha vontade agora? — ela negou, ainda com medo da intensidade de tudo. — De te *provar*.

O juiz, certo do que iria fazer, não deu tempo para a moça pensar. Seus lábios logo se uniram e ficaram ali, somente parados.

— Abra para mim, *minha rosa!* — não foi exatamente um pedido, mas sim uma ordem. O carinho emanado no apelido aqueceu o frio coração da mulher, mas Manoela ainda se negava a aceitar.

— Nã...

Ele, aproveitando a deixa, invadiu sua boca com avidez. Naquele momento poderia jurar que algo como *borboletas* voavam em seu estômago. *Uma puta de uma vergonha para um homem do seu tamanho!* Pouco a pouco Manoela foi se rendendo ao beijo. *A quanto tempo ela não beijava alguém?*

Manoela se agarrou em sua nuca com desespero. *Queria mais! Queria tudo!* Se sentiu uma mulher comum.

Uma mulher que merecia ser beijada!

O beijo se encerrou, mas ela continuou de olhos fechados. Queria aproveitar o máximo daquela sensação.

— Linda, porra...

Capítulo 10 ♥

Sentimentos são coisas quase impossíveis de se explicar. Todavia, não sentir é mais impossível ainda.

Durante toda a nossa vida experimentamos todos os tipos de sentimentos; os bons e os ruins. Manoela poderia dizer de boca cheia que já havia experimentado a maioria.

Lembrou-se do medo que sentiu ao deixar sua cidade natal e seus familiares para cursar medicina na faculdade federal. Já na faculdade, no terceiro ano, Manoela experimentou a rápida paixão de estudante que logo veio acompanhado da raiva, quando o infeliz a traiu com a secretária da faculdade. *O gosto amargo vinha em sua boca toda vez que se lembrava disso.*

Mas mesmo sentindo muito, Manoela acreditava ter sentido pouco em vista do que sentiu com o beijo.

Ela havia gostado? Achou ruim? Por que se incomodava tanto?

— Por que fez isso? — sua pergunta foi feita em um murmúrio e seus olhos estavam nos lábios do homem.

— Porque eu senti vontade e você também quis.

Lentamente seus olhos subiram para os olhos do juiz.

— O que foi, rosa?

Rosa... Outra vez aquele apelido que emanava carinho. Manoela nunca teve um apelido preferido, *até então...*

— Manoela? — Luiz perguntou novamente quando não obteve resposta.

Manoela quis pedir para que a beijasse de novo, mas apenas fez o que era acostumada a fazer; correu no intuito de se esconder.

Mais uma manhã em que Manoela chegava em casa após uma intensa corrida. Correr sempre foi uma mania, desde quando morava em sua pequena cidade natal. *Quando estava feliz, triste e quando precisava pensar...* E hoje, bom, hoje ela realmente precisava pensar.

— Filha, chegou essa carta. — Beatriz sorriu.

Manoela franziu o cenho, recordando-se de que não era acostumada a receber cartas. *Quem hoje em dia se comunicava através de cartas?* Somente ela que não possuía um telefone ou *e-mail*.

Hospital Rodrigo Freire, foi o nome lido logo a baixo do brasão.

— Abra! — a senhora incentivou.

Manoela sentiu um leve receio em abrir a carta. Buscou em sua mente se havia feito algo de errado. *Por que pessoas ansiosas tem essa sensação de que algo vai dar errado mesmo quando tudo vai bem?*

— Ele quer marcar uma reunião comigo.

— Qual o interesse dele? — subitamente a senhora também se preocupou.

— Não sei. Apenas diz aqui que é algo do meu interesse.

— Você vai?

Ela iria?

Faltavam quase duas horas para o horário marcado da reunião.

Manoela, ainda indecisa, andava de um lado para o outro no quarto. Ainda se lembrava perfeitamente de sua última vez lá.

{...}

— *Mandou me chamar?*

Rodrigo, apesar de ser o único herdeiro do maior hospital do estado, era um

homem de bom coração. Por isso a decisão recém tomada pelo concelho do hospital o incomodava tanto.

— Sente-se, Manoela. Esse foi um mês muito agitado aqui no hospital, tivemos três reuniões por semana.

Manoela já fazia uma ideia sobre onde ele queria chegar. As pessoas comentavam pelos corredores; comentavam sobre ela.

— O concelho quer te afastar. Acharam que você precisa de um tempo e além disso...

— É por isso, não é? — apontou para o seu próprio rosto. — Rodrigo, minha aparência não define o meu profissionalismo. Desde que tudo aconteceu, a medicina tem sido a única coisa que mantém viva.

— Eu sinto muito...

— Por favor, não... — implorou.

— Sinto muito, Manoela. Mas, apesar de ser o herdeiro do hospital, ainda existe o concelho. Eu preciso respeitar isso, foi uma das regras impostas pelo meu pai.

O mundo parecia girar em câmera lenta.

Tudo lhe foi tirado, quando a única coisa que Manoela fez foi tentar ajudar.

{...}

— Minha menina, ainda não está pronta?

— Estou com medo.

Beatriz viu a insegurança passar pelos olhos dela. Sua Manoela não passava de uma menininha inocente.

— Não tem o que temer. Ninguém lhe fará mal. E, bom, caso alguém tente, me avise, afinal minha velha frigideira ainda serve para alguma coisa. — disse se referindo a velha panela cheia de ferrugem, mas que usava para acertar quem lhe atazanasse.

Manoela sorriu.

— Agora vá! Tenho uma boa sensação quanto há essa reunião.

Espantando seu medo, ou boa parte dele, Manoela agarrou sua bolsa e foi até o carro, onde o motorista já a esperava com a porta aberta.

Durante todo caminho, Manoela foi pedindo ao Céus que boa sensação de Beatriz fosse real.

Capítulo 11 ♥

— Mirela chegará ainda essa semana. — Eduardo viu a mãe revirar os olhos. — Não me olhe assim, querida. — Rodrigo pediu.

— Não gosto dela, Rodrigo. É uma atrevida descarada.

Rodrigo a encorou divertido.

— Não gosta porque sabe que nutri sentimentos por seu filho que, diga-se de passagem, já é maior de idade e vacinado.

— É por isso mesmo! É meu *filhote* e ninguém irá tirá-lo de mim.

Certo de que já estava na hora de se pronunciar, Eduardo se meteu na conversa.

— Eu estou aqui e não é nada confortável ver vocês dois falarem como se eu não estivesse. — pousou os talheres no prato. — Mãe, Mirela é filha da tia Ana, não pode a tratar com desprezo.

— Oh, agora eu sou a bruxa da história? — Cristal se levantou da mesa e saiu da sala se jantar, resmungando do filho de do marido.

Eduardo sorriu juntamente com seu pai. Ambos conheciam o drama de Cristal e já estavam acostumados a lidar com ele.

Provavelmente seu pai teria uma pequena batalha para agradá-la depois. Mas seu pai seria capaz de lhe dar o mundo, se ela pedisse.

— Doutor, a senhorita Avilar já chegou. — a recepcionista diz ao seu pai, que apenas acena em concordância.

Seu avô, com muito sacrifício, conseguiu abrir uma pequena clínica particular. Apesar de ser pequena, o atendimento era espetacular e, em pouco tempo, seu avô se viu com o dinheiro para ampliar seu negócio. Logo a pequena clínica emergencial se transformou no Hospital Rodrigo Freire, um dos maiores do estado. Seu pai, filho único, acabou herdando tudo e dando continuidade ao mandato do falecido.

— Algum problema? — Eduardo perguntou ao notar a inquietação do pai.

— Há um tempo eu cometi um infeliz engano. Sua mãe me fez reconhecer e percebi que precisava voltar atrás. — seu olhar brilhou em tristeza. — Chegou a hora de reparar. — ele se levantou e Eduardo fez o mesmo.

Saíram da sala ainda conversando sobre o engano cometido pelo pai.

Até os olhos de Eduardo se focarem em uma pequena figura.

— Manoela! — senti o enorme sorriso se abrir em sua boca. *Sorriso esse que somente ela consegue lhe tirar.*

— Luiz.

Eduardo ainda conseguia sentir o calor e o sabor de seus lábios.

Porra de sensação boa! Pensou.

— É ela, pai? — perguntou se referindo a história contada pelo pai.

— Sim. Se conhecem? — Rodrigo perguntou.

— Sim.

— Bem, que seja. Manoela, se puder me acompanhar até a minha sala. — ela acentiu e esperou Rodrigo lhe dar passagem.

— É... E eu vou para casa. — Disse vendo que os dois já haviam entrado na sala.

Após ambos se acomodarem nas cadeiras, um silêncio constrangedor se instalou na sala do presidente do hospital.

— Bem, Manoela, eu ainda estou tentando encontrar uma maneira de começar essa conversa.

— Do começo eu acho que seria uma boa pedida. — sua intenção, na verdade, não era a de ser grosseira. Todavia, tratar com rispidez aqueles que a fizeram mal, era quase incontrollável.

— Tem razão. — o médico sorriu sem graça. Após soltar um pigarreio ele continuou. — Manoela eu cometi um terrível engano ao dispensar os seus serviços. Você é uma excelente médica e sua aparência não deveria interferir nisso. Eu sinto muito.

Isso a pegou de surpresa. Ainda queria dizer *poucas e boas* para ele, mas esse ainda não havia terminado de falar.

— Quero que volte a ser parte de nosso quadro médico. Os meses em que você ficou afastada fez uma grande falta.

Manoela já estava arquitetando uma nova desculpa, mas logo parou o rumo de seus pensamentos.

Ser médica não é o seu objetivo de vida?

— Eu aceito! — fitou o homem confiante.

Dessa vez ninguém a desacataria!

Há muito tempo não saia de sua toca. *Não havia motivo para isso*, sua mente a lembrou.

Agora não. Ah, agora ela tinha um lindo motivo para sair.

Incrivelmente os olhares recebidos não a incomodavam mais. Sua postura estava mais ereta e sua cabeça sempre erguida.

Após andar mais um pouco parou em frente ao uma enorme mansão. Pelas pequenas frestas do portão de madeira percebeu que um homem alto estava do outro lado do portão. Sua postura indicava ser o segurança.

— Pois não? — ele perguntou sem que ela precisasse apertar o interfone.

— É... Eu queria ver o Luiz Eduardo.

— Quem gostaria?

— Manoela. Eu sou uma... Uma amiga. — *uma amiga?*

— Um momento, senhorita.

Que loucura, Manoela! Reprendeu-se. Talvez ele não queira vê-la. Talvez o beijo tenha sido apenas mais um entre tantos que ele deve dar e receber por aí. Homens bonitos tem as mulheres que querem aos seus pés.

Estava prestes a dar meia volta quando o portão foi aberto.

— Pode entrar. Apenas pessoas que me deixe revistar sua bolsa e que deixe a outra segurança lhe revistar. — apontou para a mulher vestida de terninho preto que se aproximava.

Entregou a bolsa para o homem e abriu os braços para que a mulher a revistasse.

— É só ir reto. — a mulher disse.

Colocando a bolsa no ombro ela fez o caminho.

O lugar era incrivelmente lindo! Flores estavam em todos os lugares e um pequeno lago, com uma pequena ponte dava um charme a mais.

A maioria dos detalhes da casa e do jardim eram em azul. *Em vários tons de azul.*

— Seja bem-vinda em minha casa! — uma doce voz lhe chamou atenção. Uma mulher loira, usando um lindo vestido longo *também em azul*, lhe sorriu. — Me chamo Cristal. E você, pequena flor?

— Manoela.

— Vamos, Manoela, entre. — apontou o caminho.

Cristal a levou até uma enorme sala com sofás e poltronas. Lhe indicou um sofá e logo se sentou.

— Então é amiga de meu filho?

— Bem, sim.

— Não se constranja, não é esse meu desejo. — Cristal sorriu. *Está explicado o porquê de Luiz Eduardo sorrir tanto*, pensou. — Aceita beber algo?

— Um suco. — *bem gelado*, quis acrescentar, mas achou ser demais.

— Um minuto que vou buscar.

Ao observar a mulher caminhar, Manoela percebeu o pequeno mancar dela.

— Tia, acabei de chegar e... — Manoela rapidamente se virou em um susto. — Quem é você? — ia abrir a boca para se apresentar, mas foi interrompida. — Não, espere, eu me lembro de você. *A mostra marcada.* — viu a mulher sorrir em sua frente. — O que faz aqui? Veio pedir algo?

— Não, eu sou amiga do Luís...

— Mais um caso de caridade do meu primo. — revirou os olhos. — Me deixe te dizer uma coisa, você não é a primeira que ele tenta ajudar e, pelo visto, não muito diferente das outras já que também se demonstra bem *aberta* em lhe agradecer. — a ofensa revoltou Manoela. — Fique sabendo que estamos de casamento marcado...

— Escuta aqui, não lhe conheço e não admito que fale assim comigo! Guarde as suas palavras e o seu veneno para você mesma. Posso sim ser a monstra marcada, mas pelo menos a monstra aqui tem educação e mais classe que a *princesinha!*

— Ora, sua...

— Vejo que já chegou, Mirela. — Cristal apareceu e, diferente de como estava a minutos atrás, ela já não sorria mais.

— Pois é, tia. Resolvi vir mais cedo. — caminhou até a mulher para lhe abraçar, mas foi interrompida pela mão esticada da tia. — Como vão as coisas aqui? — perguntou sem graça.

— Tudo ótimo. E seus pais?

— Estão bem. — Mirela olhou de soslaio para Manoela.

— Vejo que já conheceu minha amiga. — Cristal sorriu.

— Sua *amiga*? — Milera estava incrédula.

Mas não mais que Manoela.

— Sim, minha querida amiga Manoela. *Manu*, essa é Mirela, sobrinha de meu marido.

— Querida, estão tirando malas de um carro... Manoela? — Rodrigo parou na entrada da casa.

— Rodrigo. — sorriu sem graça.

Oh, Céus! Poderia ser mais constrangedor? Sua mente a recriava por ter sido impulsiva e ter ido aquela casa.

— Onde está Luiz Eduardo? — a anfitriã da casa perguntou.

— Não sei, saiu do hospital logo cedo.

— Bom... — engoliu em seco ao ver os olhares dirigidos a ela. — Eu acho que vou indo.

— Mas você não ia esperar o Luiz?

— Eu volto outra hora. — tentou sorrir.

— Bom, você quem sabe. Eu te acompanho até a porta.

— Não precisa. Obrigada por ter me recebido. — foi sincera no agradecimento. Realmente Cristal, em poucos minutos, a acolheu como ninguém. — Com licença. — andando para a saída Manoela poderia sentir o peso do olhar de Mirela sobre ela.

Poderia estar enganada, mas o brilho em seus olhos não eram nada bons.

Luiz Eduardo andava distraído, seus pensamentos vagavam entre o trabalho e morena de sorriso doce.

Ah, Manoela...

A vontade de vê-la, agarrá-la e, até mesmo, guardar ela em potinho onde ninguém seria capaz de lhe fazer mal, era quase incontrolável. Teria que ir de vagar, já viu como a mulher é fechada para qualquer tipo de sentimentos.

Ela esteve o tempo todo perto!

Se frequentasse o trabalho do pai já teria a conhecido a muito tempo.

Do outro lado da rua havia uma doceria. Pensou em ir ali e comprar doces para tia e sobrinha, mas, enquanto estava no percurso, uma senhora de vestes simples o parou.

A mulher olhou intensamente, como se pudesse ler seus olhos e descobrir seus segredos.

— Os sorrisos dos bons irão incomodar os maus. A alegria logo virá, mas, talvez, não dure muito. Algo muito preciso está perto de partir. Um coração terá que ser consolado. — depois de falar a mulher olhou como se tivesse saído de um transe. — Como vai, seu juiz? — perguntou antes de partir.

O que aquilo significava? Deveria levar a sério as palavras de uma desconhecida? E por que tudo dentro de si se revirou com essas palavras?

Capítulo 12 ♥

A vida conseguia mesmo ser engraçada, não é?

Mesmo se afastando de todos que poderiam lhe machucar, mesmo criando um alto muro ao redor de seu coração, Manoela se viu rendida aos encantos do “*senhor sorriso*” de uma forma nunca vista antes.

— *Fique sabendo que estamos de casamento marcado...*

A voz da mulher soou em sua cabeça em um claro sinal de alerta.

Ela era extremamente elegante, sua classe emanava de longe. Sua pele parecia ser macia como pêssego, muito diferente do rosto de Manoela, onde boa parte estava enrugado.

— Como poderia olhar para mim?

Ouviu toques na porta antes de Beatriz por a cabeça no vão.

— Filha, visita para você.

— E quem é? Beatriz? — olhou novamente para a porta e não viu a mulher. — Mas que coisa!

Colocou sua pantufa de cachorrinho, estava frio demais para por chinelo ou qualquer outro sapato gelado, e saiu de seu quarto, descendo as escadas logo em seguida.

— Não vejo ninguém! — apertou a cabeça sentindo uma pontada no local. — Beatriz! Não tem ninguém aqui... — sua frase morreu no ar quando viu ele.

Vinha da cozinha para a sala sorrindo abertamente com Beatriz ao seu lado, essa sorria bobamente para o homem.

Vejam só! O senhor sorriso encantou até mesmo a senhora... Pensou querendo revirar os olhos.

— Boa noite! — saldou como se não estivesse quase tarde da noite na casa de alguém. Viu os olhos de Luís Eduardo percorrer o seu corpo então, lembrando-se do pijama de frio branco com corações rosas e da velha pantufa de cachorrinho marrom, Manoela apertou fortemente os olhos tomada pela vergonha. — Belo pijama!

— O que quer aqui? — não quis ser grossa, mas ficar perto do homem a deixava assim, sem conseguir controlar seus atos. *Ou era isso ou então iria agarrar ele...*

— Vim te fazer um convite.

— Não posso!

A risada do homem soou pela sala, fazendo borboletas voarem na barriga de Manoela.

— Mas você nem sabe que convite é.

— Certo, pois diga. — cruzou os braços em uma posição defensiva.

— Um jantar.

— Um jantar? — repetiu. — Quando?

— Hoje. Mais precisamente daqui a quarenta minutos.

— Não, não posso. E você não deveria ficar convidando mulheres por aí, quando tem uma noiva em casa. — repreendeu o homem.

— Como assim noiva? Não tenho noiva alguma!

— Não foi o que me disse a girafa ruiva.

— Girafa ruiva? — perguntou sorrindo.

— É. Agora se puder ir, eu tenho muita coisa para fazer.

— Não e tem mais, te dou quinze minutos para se arrumar, caso ao contrário te levo do jeito que você está. — provando o quanto estava falando sério, Luiz Eduardo sentou-se no sofá cruzando as pernas. — Anda logo, mulher! Não podemos perder a nossa reserva.

Resmungando até a quinta geração do homem, Manoela caminhou até seu quarto.

Mas no fundo, bem no fundo, uma alegria ameaçava tomar o seu coração.

— Toma essa, girafa ruiva!

Três Reis é um restaurante que, apesar de sua simplicidade, recebe pessoas de todo o país, até mesmo os famosos. Conseguir uma vaga ali é coisa difícil, a ligação deve ser feita cerca duas semanas antes do dia reservado.

Manoela sabia disso. Talvez seja por isso que ela estava usando frio. Não que ela não frequentasse esse tipo de lugar, mas desde o acidente ela não o fazia mais.

— Você está bem? — Luiz Eduardo perguntou ao sentir suas mãos frias e molhadas.

— Sim. — *não vou estragar essa noite*, pensou.

Ao entrarem no restaurante o maître confirmou a reserva, para depois os encaminhar até a mesa. O jantar seguiu sem preocupações. Aquele momento

fazia bem para ambas as partes. Já era quase meia noite quando os dois caminhavam pela calçada.

— Então você salvou uma vida? — eles conversavam sobre o fatídico dia. Na época Luiz Eduardo estava em uma especialização fora do país.

— Não foi bem assim... Podemos falar sobre outra coisa? — o assunto a incomodava.

— Claro! Bom, você vai voltar a trabalhar no hospital?

Ela sorriu.

— Sim. Estou um pouco temerosa. — confessou.

— Por quê? — Eduardo se sentou no banco e levou Manoela junto.

— Depois do acidente eu fui afastada devido as reclamações dos pacientes e de alguns membros do conselho. Não sei como as pessoas irão reagir a minha volta.

A verdade é que Manoela temia *mais uma vez* a rejeição.

Uma mecha de cabelo escorregou em seu rosto, ainda tímida, ela colocou no lugar.

Luiz Eduardo se sentia encantado. A verdade é que tudo nela o encantava.

Principalmente quando ela prendia os lábios entre os dentes...

De repente, sem que ele esperasse, a imagem dela sorrindo dessa forma para um outro homem tomou sua mente.

Poderia isso acontecer?

Mas é claro que sim! Pensou. Manoela é uma mulher linda e inteligente, qualquer um que fosse esperto iria querer ela. *Até mesmo ele.*

A fixa então foi caindo aos poucos. O carinho que ele sentia por ela foi, aos poucos, tomando outro rumo e agora ele se via... *apaixonado.*

Como? Em tão pouco tempo? O quão loco isso poderia ser?

— Você está bem? Está com a testa franzida e com o rosto sério.

— Você gosta de alguém? — *que merda de pergunta é essa?*

— Não. — respondeu ela como se fosse óbvio. — Por que isso agora?

Eduardo sentiu seu peito queimar de um *jeito bom*, seu coração parecia querer sair pela boca de tão acelerado que estava. Poderia ser vergonhoso para um homem da idade dele, mas Eduardo nunca fez o que estava prestes a fazer.

— A gente se conhece a pouco tempo, não é? Pode parecer loucura, mas quando eu estamos juntos eu só consigo pensar em você, e quando estamos separados eu também só penso em você. — Manoela esticou os olhos. — Talvez eu esteja

precipitando as coisas, mas não consigo, *não posso*, ignorar a voz que grita em mim. Quer namorar comigo?

Capítulo 13 ♥

Por um instante, o mundo de Manoela parou. O único som ali ouvido era o de seu coração batendo rapidamente e a respiração de ambos.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — sua voz saiu com dificuldade.

— Não. Por que seria? — Eduardo estava confuso. — Juro que estou falando sério. Eu já disse que pode sim parecer loucura, mas a relação de meus pais me ensinou que o Amor é para os loucos. Eu quero ter algo parecido com eles e, para isso, eu preciso tentar sem receios. Estar com você é a parte do meu dia que eu mais espero. Não sei se você s...

No primeiro momento ele sentiu um leve choque e ficou sem reação. Mas, ao sentir os lábios da mulher grudado nos seus, Eduardo rapidamente correspondeu e agarrou na cintura dela fortemente.

— Só não me machuque. De todas as decepções que eu tive, ter o coração partido por você seria pior do que todas elas. — Manoela disse com muita dificuldade, após encerrar o beijo.

— Jamais!

Ao chegar em casa após o seu primeiro dia de retorno no hospital, Manoela se deparou com o silêncio. Passando pela sala, ela deixou as chaves e a bolsa no sofá.

— Vamos, menina, reaja! — um pedido agonizante veio do quintal.

Manoela rapidamente caminhou até lá.

— Victória! — Manoela gritou ao ver a sobrinha caída e com sangue escorrendo pelo nariz. — O que houve com ela, Beatriz? — perguntou examinando a criança rapidamente. Nervosa do jeito que estava, todos os anos estudando e se especializando não lhe serviriam de nada.

— Eu não sei, filha. Ela almoçou e disse que ia cuidar das plantas. Eu fiquei na casa cuidando das coisas e vim agora para chamá-lo e...

— Tudo bem, Beatriz, tudo bem. — respirou fundo. — Vamos levá-la para o hospital.

Rapidamente foram até o carro com a menina. Manoela, então, percebeu que nunca havia dirigido tão rápido em toda a sua vida.

O corredor da sala de espera da pediatra, naquele momento, parecia minúsculo. Manoela se sentia sem ar e isso nem as enormes janelas davam conta. A vibração em seu bolso a alertou de uma ligação.

— Oi, Edu.

— Anjo, tudo bem? Sua voz está estranha.

— Victória está no hospital. — sua voz murchou mais ainda.

— O que ela tem?

— Eu não sei. Ela ainda está em atendimento e ninguém me deu nenhuma informação.

— Em qual hospital está?

— No do seu pai.

— Certo. Estou indo aí.

— Não pre... — o barulho da ligação encerrada a interrompeu. — Que homem teimoso!

— Com licença. — uma enfermeira a cutucou. — A senhora é a responsável pela menina que deu entrada na emergência?

— Sim. Pelo amor de Deus, me diga como ela está.

— A senhora tem fé? — Manoela não gostou da pergunta.

— Sim.

— Isso é bom. Infelizmente o caso da menina é grave e ainda não identificamos a real doença. Não poderá vê-la, ela está na UTI e não tem previsão para sair de lá.

Manoela sentiu o aperto da mulher no ombro, mas seu corpo parecia congelado no lugar.

“O que eu fiz, meu Deus?”

Estava caminhando meio sem rumo pelo hospital, quando seus olhos pararam em uma pequena capela. Não se lembrava qual foi a última vez em que rezou, mas o faria como nunca. A capela estava vazia. A frente estava um altar com uma imagem enorme de uma santa, Manoela reconheceu como sendo Nossa Senhora das Graças. Mais a cima estava um enorme crucifixo, onde uma luz vermelha brilhava. Nos dois lados do altar havia espaço para as velas, algumas estavam acesas e outras apagadas. Dois bancos de madeiras, um de cada lado, dava espaço para os fiéis sentar. Ajoelhando-se, a mulher fechou os olhos.

— Não me lembro qual foi a última vez em que falei com você, não sei quando foi que ouvi a sua voz e tão pouco sei se vai me responder agora. Não sei rezar, mas eu preciso ao menos tentar. Não me tire ela! — um soluço escapou quando não aguentou mais segurar o choro. O tamanho de seu amor por aquela menina não a chocou. Como não o faria? Ela era incrível. — Ela é tudo o que eu tenho é o que me trouxe alegria, depois de tantas tristezas. Se você realmente estiver me ouvindo, salve ela.

Não sabia se sua oração foi ouvida no Céu, mas se sentiu mais aliviada.

— Senhora! Senhora! — a mesma enfermeira entrou afobada na capela.

— O que houve?

— Olha eu sinceramente não sei o tamanho da sua fé e nem para qual Deus você serve, mas o seu pedido com certeza foi ouvido. Nesses poucos minutos, contrariando toda a lógica da medicina, a menina acordou e agora está sentada na cama. Ela já foi examinada e transferida para o quarto.

— Oh, meu Deus! Eu posso vê-la?

— Claro! Vamos.

Voltaram para o corredor da pediatria e logo estavam no quarto.

— Tia! — aquele pequeno sorriso trouxe o alívio necessário para o seu coração e o ar para seus pulmões.

Andou até a sobrinha e ficou olhando para ela como se fosse uma miragem. As lágrimas não se cessavam por mais que ela tentasse controlar.

— Com licença. — o médico colocou a cabeça na abertura da porta. — Poderia me acompanhar por um instante?

— Sim.

Manoela saiu do quarto fechou a porta e foi até o médico que estava na parede mais a frente.

— O fato dela acordar tão rápido assustou a todos nós, preciso deixar isso claro. Enquanto ela ainda estava desacordada fizemos alguns exames e encontramos uma anomalia em seu organismo que chamamos de *Estase**.

— Como assim? O que é isso?

— A doença ainda é considerada rara, atinge menos de dois por cento da população e Infelizmente Victória foi uma das escolhidas. Ela é como um vírus que, se não tratado rapidamente, se espalha por todo o corpo dando perda total. Os exames mostraram que ela convive com a doença a nove anos. Infelizmente, no momento, não há o que fazer. Ainda não existe uma cura para a *Estase*.

— Mas ela cordou. Ela... Ela estava na UTI e... e acordou. Precisamos fazer os exames de novo e...

— Manoela, você trabalha aqui. — o médico a interrompeu. — Sabe que todos os aparelhos para exames que usamos são de última geração. O nosso laboratório é escolhido a dedo. Não há erros no exame.

— Ela vai... *morrer*? Quanto tempo?

— Não posso dizer com precisão. Pode ser daqui a duas semanas, dois meses ou até mesmo em anos. Eu sinto muito. — o médico disse antes de se retirar.

— Anjo? — ouviu a voz de Eduardo, mas não quis olhar. — O que houve?

— Ela vai morrer. Ela vai morrer, Edu! — disse ao se jogar nos braços do namorado.

Capítulo 14 ♥

— Mais calma? — Eduardo perguntou após entregar o copo de água.

— Sim. Obrigada.

— Não por isso, anjo. — sorriu. — Agora me diga, o que o médico disse sobre o tratamento?

— Nada. Acho que ele percebeu o meu choque e minha falta de raciocínio. Creio que depois ele virá novamente. — ela ficou alguns instantes em silêncio e logo seus olhos estavam molhados novamente. — Quando a assistente social foi na minha casa falando sobre uma sobrinha desconhecida eu surtei. Achei um absurdo ter que lidar com uma criança. Mas então ela chegou, tão arteira e teimosa! — suspirou. — Foi tão fácil amá-la e vai ser tão difícil deixá-la ir. — chorou.

— Não deve pensar nisso, Anjo. O médico disse que ela pode viver por anos, não? — ela concordou. Manoela tinha lhe falado tudo o que o médico disse. — E tem o tratamento. Eu tenho dinheiro, muito dinheiro. Vou mover o mundo, se preciso for, para ajudar. Você me tem, anjo, e tem tudo o que me pertence.

— Você é tão incrível... Não sei o que vii em mim.

— Vi o meu futuro. O meu lar e o meu coração. Não se diminua, ou então iremos brigar. — sorriu. — Enxugue suas lágrimas e limpe seu rosto. A pequena espera por nós.

Diferente de quando Manoela tinha saído, o rosto de Victória agora carregava

uma carranca.

— O que foi?

— Não tem televisão aqui. Queria assistir Chaves. — cruzou os braços emburrada. — Quando eu vou poder ir embora?

— Logo.

— Vai demorar um *tantão*!

— É melhor você ficar aqui o tempo necessário e ficar forte logo, não acha? Caso contrário não terá como brincar.

Duas batidas na porta fizeram Manoela engolir em seco. Sabia muito bem quem era.

— Estou livre, se quiser podemos conversar. — disse o médico.

— Vai lá, anjo. Eu fico com ela.

Ela concordou e seguiu o médico até seu consultório.

— Bom — ele começou quando os dois já estavam sentados. — Vou falar um pouco sobre o tratamento. Uma vez ao mês ela passará por um hemograma completo, vou exigir mais nos exames ortopédicos e no exame de sangue. Durante o tratamento, provavelmente, ela sentirá os ossos mais cansados e doloridos, irei pedir que você pratique leves caminhadas com ela. Mas é bom ressaltar que serão caminhadas leves e que exigir muito irá prejudicá-la. O tratamento também incluirá remédios. — começou a escrever em uma receita. — Começaremos com três remédios e, assim que aprofundarmos no tratamento, iremos aumentar para seis. Como eu disse, ela poderá sentir dor nos ossos e, caso isso aconteça, vou receitar uma injeção que você mesma poderá aplicar. — carimbou a receita e após assinar lhe entregou. — Por hora é só. Alguma dúvida?

— Em relação ao tratamento não. Mas gostaria de saber sobre a alta dela.

— Assim que a medicação acabar ela poderá ir.

— Certo. Obrigada! — levantou-se ajeitando a alça da bolsa.

— Manoela?

— Sim?

— Você é uma pessoa forte e eu admiro isso. Não sei se eu já disse, mas, caso a resposta seja não, seja bem-vinda novamente ao hospital.

Ela não respondeu. Apenas sorriu fracamente. Não sabia se realmente possuía tal força. E bom, isso apenas o tempo poderia mostrar.

Uma das melhores coisas em morar longe da cidade era o fato de haver a belíssima natureza em volta da casa. De dia a rua é cheia de pássaros cantando nas árvores e nos fios do poste. De noite havia a belíssima lua e as pequenas e brilhantes estrelas.

— Ela dormiu. — Luiz Eduardo anuncia entrando na sala. Do belíssimo terno italiano de três peças que ele usava só lhe restava a camisa branca, que estava dobrada até o cotovelo, e a calça preta. — Como está, anjo?

— Estou tentando não deixar o pânico me dominar. — apertou o laço do roupão.

— Você não jantou. — apontou repreendendo levemente. — Vou fazer algo para comer.

— Desnecessário. Não estou com fome.

— Eu Irei fazer do mesmo jeito e você tentará comer. A pequena precisa de você forte e saudável.

— Certo. — passou os braços pelo pescoço dele. — Obrigada. Por tudo. Não sei se conseguiria sem você. — após agradecer beijou lhe como se sua vida dependesse disso. Não havia mais vergonha por parte dela, com o tempo esses pequenos gestos saíam automaticamente.

— Conseguiria sim. Sabe porquê? — ela negou. — Porque você é forte.

De tanto ouvir isso já estava quase acreditando.

Após comerem um sanduíche e beberem o único vinho disponível na casa de Manoela, eles estavam no quarto dela.

— Avisei minha mãe que irei dormir aqui.

Manoela achou aquilo engraçado.

Um homem daquele tamanho ainda avisava os pais quando ia dormir fora?

— Sei o que está pensando.

— Sabe?

— Aprendi a ler seus olhos, anjo. Eu aviso eles porque primeiro, minha mãe morre de preocupação e com certeza não iria dormir se não soubesse de mim. E segundo, eu moro com eles, devo explicações.

— Certinho você. Bem, eu vou ir tomar banho. Também pode tomar se quiser.

— Obrigada.

Com o pijama, roupas íntimas e a toalha nas mãos ela entrou no banheiro. Três minutos se passaram e ela ainda continuava parada no banheiro. Abriu, então, a porta e o viu deitado na cama somente com as calças.

— Não vai?

— Vou onde?

— Tomar banho, ué!

— Vou, só estou esperando você tomar o seu.

— Não quer tomar banho comigo? — o bichinho da baixa alto estima estava a picando novamente.

— Quer que eu tome banho com você?

Manoela estava começando a ficar irritada. Já estava sendo vergonhoso pedir aquilo.

— Quer saber? Não venha! — bateu a porta rudemente.

— Mas o que houve aqui? — perguntou para si mesmo, um pouco assustado com a fúria repentina da mulher. — Anjo? — chamou abrindo a porta.

— Estou acabando. Daqui a pouco eu saio.

— Sabe que se eu entrar nesse chuveiro não irei conseguir me controlar, não é? Não quero passar dos limites com você.

— Por que acha que tem um limite? Estamos namorando, sei que faz pouco tempo, mas eu sinto... *coisas* com você. — sentiu as bochechas esquentarem.

— Que coisas?

— Coisas ué! Não adianta perguntar que eu não vou falar. — parecia uma criança emburrada. Aquilo estranhamente encantava Luiz Eduardo.

— Eu também sinto coisas. — Abriu a porta do box. — E se tivermos sentindo as mesmas *coisas*, acho que podemos resolver isso. — Manoela afegou ao ver ele sem roupas.

Ah, sim, com certeza eles poderiam resolver as coisas...

A rotina da mansão logo estava se normalizando. Aos poucos Manoela deixou de tratar Victória como um cristal prestes a quebrar, e voltou a tratá-la como a criança que era.

Estava terminando de se arrumar para levar a menina para conhecer sua nova escola, a criança já havia passado semanas — talvez meses — sem frequentar uma. Após arrumar sua bolsa e sua maleta de trabalho — pretendia ir trabalhar de lá — desceu as escadas.

— Será que vão gostar de mim? — a pequena falava aflitadamente com Beatriz.

— Por que não o fariam? — perguntou se aproximando.

— Serei novata. As pessoas não gostam muito dos novatos.

— Bobagem... — foram interrompidos pelo som da campainha. — Pode deixar, Beatriz. — pediu se apresando para abrir.

Uma mulher elegante e sorridente estava do outro lado da porta.

— Pois não?

— Manoela está?

— Você seria?

— Helena, sou madrinha de Victória. Você é Manoela?

Estava tão ocupada cuidando da sobrinha para não perdê-la para morte, que esqueceu que iria perdê-la para a madrinha.

Capítulo 15 ♥

— Sim.

— Será que eu posso entrar?

— É claro. — disse saindo do topor. — Entre, por favor.

— Obrigada.

— Beatriz, pode, por favor, levar Victória até o carro? Logo estarei lá.

— Sim. Vamos pequena.

— Sente-se. — pediu ao vê-las saindo.

— Desculpe aparecer assim sem avisar, mas é que, como deve saber, sou responsável até a maior idade da menina.

— Sei.

— Acho que preciso agradecer você por ter cuidado dela, ela aparenta estar bem.
— Não é necessário nenhum agradecimento. — ambas se silenciaram. — Você vai continuar no país?

— Só até os papéis da guarda estiverem em minhas mãos. Depois disso iremos embora.

— Ah. — foi a única coisa que conseguiu dizer.

— Percebi que estão de saída. Será que podemos marcar um dia para eu me apresentar a ela?

— Podemos.

— Me passe o seu número, por favor. — pediu Helena pegando o celular na bolsa.

Após trocarem os números elas se despediram. Helena entrou no carro e sumiu pelas ruas. Manoela ignorou os olhares de Beatriz e também entrou no carro onde Victória a esperava.

— Quem era aquela moça, tia?

— Ninguém. — sorriu. — Não era ninguém.

No começo, voltar a trabalhar em um lugar onde Manoela já havia sofrido, não foi fácil. Pode parecer até mesmo paranóia, mas toda vez que as enfermeiras — aquelas que passavam o turno todo fofocando — riam pelos cantos do hospital, Manoela achava que era dela.

Doido, não?

Alguns dias depois ela colocou na cabeça que ninguém poderia lhe fazer mais mal a não ser ela, com sua própria paranóia e com a mania de se rebaixar perto dos outros. Afinal, poderia não ser tão bela, mas era dona de seu próprio nariz. E, ao contrário de muitas meninas por aí, já era formada, tinha casa própria e era uma excelente médica! Perto disso, a aparência nada contava.

— Boas notícias! A cirurgia foi um sucesso, apenas vamos esperar a recuperação dele. — Manoela era cardiologista e havia acabado de fazer cirurgia em um menino de doze anos.

Os pais do garoto sorriram e, após perguntar sobre as visitas, agradeceram a

médica.

Não dava para descrever o sentimento de dever cumprido que ela sentia toda vez que uma cirurgia ia bem. *Salvar vidas era realmente o que havia nascido para fazer!*

— Olha só, parece que a *monstra* voltou a trabalhar aqui. — Mirela, que estava parada no corredor acompanhando uma mulher, disse. — O que seus pacientes acham disso? Aqui é um lugar de pessoas doentes, sensíveis e, bom, não é nada agradável olhar em seu rosto. — rio alto chamando atenção das pessoas. Alguns médicos, enfermeiros e pacientes que estavam ali pararam para ver o que ela falava. Manoela sentiu seu rosto esquentar. *Mais uma vez humilhada em seu lugar de trabalho?* — Devia voltar para a sua *toca*, lugar onde nem deveria ter saído. Aposto que meu tio...

— Mirela, o que é isso? — a mulher que estava ao seu lado perguntou horrorizada.

— Só estou...

— Tentando rebaixar alguém pela aparência. Sabe muito bem que isso não se faz. Vamos embora, já me consultei mesmo.

Manoela viu os olhos de Mirela brilharem em ódio para a mulher ao lado, mas logo em seguida um falso brilho amistoso apareceu. Manoela sabia que era falso porque já havia visto em muitos olhares por aí. Os lábios de Mirela se apertaram antes dela responder.

— Claro!

De alguma forma estranha Mirela parecia não querer contrariar a menina, Manoela só não sabia o porquê disso. A resposta veio logo depois.

— Mirela, desde que o tio assumiu a presidência, sempre foi assim. Sei que você já trabalhava aqui antes e provavelmente nunca notou, mas ela sempre esnobou os funcionários assim. — uma médica, desconhecida por Manoela, disse. — Essa aí que estava com ela é a filha do prefeito que, ao contrário da amiga, nunca desmereceu ninguém. — estava por fora das coisas da cidade mesmo para não reconhecer a filha do prefeito. Para falar a verdade, Manoela nem ao menos sabia quem era o atual prefeito, já que a eleição ocorreu perto do acidente. — É um amor de pessoa, pena que não sabe escolher bem seus amigos.

Mirela era realmente pior do que Manoela imaginava. Alimentava falsas amizades apenas por dinheiro e prestígio. *Lamentável*, pensou.

Manoela e Luiz Eduardo estavam terminando de fazer o jantar na cozinha cozinha dela. O clima não poderia ser melhor! Em momentos assim ela se pegava se sentindo uma adolescente. Então perguntou a si mesma se toda mulher apaixonada se sente assim, ou apenas ela viajava demais nos sentimentos.

— Escutou o que eu falei? — ele perguntou mexendo o molho de tomate.

— Não. — sorriu. — Desculpa. — pediu, ainda sorrindo, ao ver ele se aproximando com o rosto retorcido.

— Você é minha namorada, é claro que eu desculpou. — ele também sorriu e desviou o olhar para a colher de pau suja de molho de tomate.

— Nem pense nisso! Estou falando sério, se passar isso em mim terminarei o nosso namoro!

— *Aham.*

— Nã... — não conseguiu terminar de falar porque Luiz Eduardo lambuzou seu rosto todo com o molho. — Não acredito!

— Tia... Nossa! — Victória se assustou ao ver o rosto da tia. — Isso é molho de tomate?

— Sim. — a tia respondeu de mau humor.

— E por que você passou molho no rosto?

— Pergunte a ele. — apontou para Eduardo.

— É uma pequena vingança, *pequena*. — ele respondeu sem que a menina perguntasse. — Tia Manu não ouviu o que o tio disse, então precisei castigá-la. — sorriu.

Manoela tentou ignorar o frio na barriga que sentiu quando Luiz Eduardo se autodenominou tio de Victória. Mas a alegria não deu para ignorar, e ela se manifestou em um enorme sorriso.

— O que foi? — ele perguntou curioso.

— Eu amo você.

Tão forte. Tão vivo. Tão quente. Tão profundo. Era um sentimento impossível de ignorar.

Capítulo 16 ♥

Talvez o arrependimento, em algum momento, viria. Mas arrependimento maior seria não falar.

Para quê fugir de algo tão bom?

Por que simplesmente ignorar o sentimento que aquece seu coração?

Manoela apenas não queria mais perder tempo fugindo de sua própria felicidade. Talvez Luiz Eduardo não sinta o mesmo, e tudo bem se ele o fizer.

Ninguém é obrigado a amar ninguém!

O amor, quando vem de forma obrigatória, se torna amargo e, muitas das vezes, cruel. Agora, quando é dado livremente, ele é doce e sincero. *É verdadeiro*. Era em busca disso que Manoela estava; de uma felicidade verdadeira. Não que ela quisesse que durasse para sempre, *nada é para sempre*, queria apenas que durasse o suficiente. *Por mais um ano, um mês, uma hora ou somente por mais um minuto*. Não importava o tempo, mas sim a veracidade de tudo.

— Não precisa dizer o mesmo. Não estou te cobrando nada. Disse que te amo porque é a verdade, o que eu sinto por você é *estranho* e chega a doer meu coração, de um jeito bom, claro. Você me faz bem, quando estamos na cama me sinto uma mulher desejável e quando você simplesmente me olha me sinto a

mulher mais linda do mundo. Dizer eu te amo ainda é pouco diante disso tudo. Manoela falava tão abertamente que não percebeu os olhos do homem molhados. *Que se dane quem diz que homem não chora! Homem também é humano, tem coração e sente. Chorar é apenas um bônus de tudo, ninguém estava livre disso. Chore sim, demonstre sentimentos sim, afinal é disso que o mundo precisa; de pessoas demonstrando o quanto se importam umas com as outras.* Luiz Eduardo pensou enquanto sentia os olhos se encherem de água.

Incrível é a palavra que definia Manoela! Que mulher incrível!

— Eu também amo você, anjo. Amo você como preciso do ar para respirar. Eu amo tanto você que meu futuro não consigo imaginar mais ninguém. Eu amo você, *rosa!*

Sim, ela se parecia com uma rosa: era uma linda flor e quem quisesse tocá-la, antes, precisava passar pelos espinhos. Luiz Eduardo, mesmo correndo risco de se machucar, não desistiu nos *espinhos*, apenas aumentou sua coragem e determinação. A recompensa não poderia ser melhor! O lindo sorriso da rosa, *da sua rosa!*

— Vocês vão se casar? — estavam tão presos em uma bolha que esqueceram da criança.

— Não! Casamento? Que casamento? Quem foi que falou em casamento? — Manoela soltou *atrapalhadamente*.

— Qual o problema em casar?

— Nenhum, casamentos são bonitos.

— Então o problema é casar comigo?

— O que? Não! Você quer casar? — fez a última pergunta baixa.

— Você não?

Victória, já prevendo o quão longa seria a discussão dos dois, bufou e saiu.

A menina gostava do jardim da tia que, apesar de parecer triste e sem vida, tinha lindas flores. Sua missão, então, se tornou cuidar do lugar. Quem sabe o casamento da tia não seria ali?

— Tem certeza de que está confortável com isso? — Luiz Eduardo perguntou enquanto dirigia. — Se não estiver pode falar, darei a meia volta e então será apenas nós três.

— Estou sim, só não sei o que eles vão achar de mim.

Estavam a caminho da casa dos pais de Luiz Eduardo. Cristal havia pedido para que os três, Manoela, Victória e o filho, fossem jantar lá.

— Ora, meu pai você já conhece.

— Conheço como chefe.

— Ótimo! Agora vai conhecer como sogro. — sorriu. — E minha mãe me disse que você já foi em casa uma vez.

Manoela havia esquecido esse dia!

— Não conversei com ela direito.

Luiz Eduardo parou o carro no acostamento, antes de se virar para a mulher.

— Já chegamos? Você mora no meio do mato, tio? — a pequena perguntou no banco de trás, arrancando risadas dos adultos.

— Não, querida. — ele respondeu calmamente. — Agora, anjo, escute, você é minha namorada e eles são os meus pais. Nada mais certo do que vocês se conhecerem e, para o bem da minha sanidade, se darem bem.

Minutos depois, logo após Luiz Eduardo acalmar Manoela, o carro logo parou em frente a enorme mansão.

— É aqui, tio?

— É.

— Puxa, que casona! — a pequena disse olhando para a janela. — E tem piscina e tudo? — Eduardo confirmou. — Que legal!

Ao longe, na porta da enorme casa branca, Manoela avistou Cristal. A mulher olhava para o carro sorrindo.

— Vamos.

Eduardo foi o primeiro a descer do carro. Logo foi a vez de Manoela e então, por último, Victória desceu.

— E ai, *Jão!* — Luiz Eduardo cumprimentou um dos três homens que estavam parados no portão. — Estaciona para mim? — perguntou já jogando a chave.

— É pra já! — o homem liberou nossa entrada, para depois ir até o carro.

— Bebê! — Cristal agarrou o filho pelo pescoço. — Estava com saudades.

— Nos vimos ontem, mãe.

— E daí? O ontem foi ontem. — deu de ombros.

Manoela que — vergonhosamente — estava tentando se esconder entre Luiz Eduardo e Victória, se encolheu quando o olhar da matriarca caiu sobre ela.

— Seja bem-vinda novamente, querida! — Cristal a abraçou sorrindo. — Como está?

— Obrigada. Estou bem. E a senhora?

— A *senhora* eu não sei, mas eu estou bem. E essa belezinha? — apontou para Victória.

— Eu me chamo Victória. Sou sobrinha da tia Manoela e, agora, do tio Luiz Eduardo também.

— Muito prazer, Victória! Sou cristal, mãe do seu tio. Vamos entrar?

— Onde está o papai? — Eduardo perguntou puxando Manoela em direção a casa.

— Onde você acha? — revirou os olhos. — Está tentando acender a churrasqueira.

Aos poucos Manoela sentia todo o constrangimento sumir. Tanto o pai quanto a mãe tratavam ela perfeitamente bem. Isso sem contar todo o carinho de Luiz Eduardo.

— Querida, pode ir pegar a bandeja com o assado lá na churrasqueira? Eu iria, mas a minha perna está ruim.

— Claro! Com licença.

A família aparentavam ter muito dinheiro, mas por algum motivo a simplicidade reinava ali também.

— Cristal pediu para que eu viesse pegar o assado.

— Ali. — Rodrigo apontou para a mesa ao lado da churrasqueira.

— Não acha isso estranho?

— O que? Você e o meu filho?

— Sim.

— Não. — a resposta foi tão verdadeira que Manoela não teve dúvidas. — É do meu filho que estamos falando. Se você faz ele feliz, ótimo!

— Não vai haver distinção no hospital, não é?

— Jamais. Aqui eu sou seu sogro, mas lá eu sou seu chefe.

— Ótimo. — sorriu aliviada. Seu nome já era muito comentado nos corredores do hospital, se houvesse alguma mudança no tratamento do chefe tudo pioraria.

“Essa foi esperta. Se amarrou bem no filho chefe” já conseguia ouvir as vozes na cabeça.

— Manoela. — chamou quando ela estava saindo.

— Sim?

— Sobre o que Mirela te disse no hospital, apenas ignore. Ela não sabe o que é felicidade. E você sabe, pessoas infelizes querem fazer as outras infelizes também. Você é melhor do que isso.

— Obrigada.

— Terminarei essa carne e logo me juntarei a vocês.

Manoela estava voltando para a sala de jantar, quando uma mão lhe parou em corredor.

— O que Mirela disse a você?

— Nada de importante.

— Manoela. — disse em tom de aviso.

— É sério. Eu não me importo com nada do que ela me falou. Só me incomodei com a humilhação que foi.

— Eu vou resolver isso. — prometeu.

Ao voltarem para a sala de jantar Victória e Cristal estavam em um papo super animado sobre desenhos animados.

O jantar estava no seu final, quando a última pessoa que Manoela quis ver apareceu.

— Boa noite, família! — Mirela sorriu.

Apesar de tudo ter sido bom, naquele momento Manoela soube que o jantar iria ralo a baixo.

— Que bom que chegou. — Eduardo disse e isso a fez abrir um enorme sorriso, enquanto Manoela franzia a testa. — Quero que junte suas coisas e saia dessa casa.

— Não pode me expulsar, a casa não é sua. — cruzou os braços.

— Mas é minha. — Cristal entrou na conversa. — Não sei o que você fez ao meu filho, mas quero que suma daqui, não é mais bem-vinda nessa casa!

— Tia...

— Nada de tia! Você é igual a sua mãe e assim como ela não faz mais parte dessa família. — o nervosismo fez com que a perna de Cristal voltasse a doer.

— Mãe!

— Cristal!

— Está tudo bem, amores. Apenas preciso sentar.

— Ouviu a minha esposa, Mirela. Junte suas coisas e saia, ou então os meus homens irão te tirar daqui.

Mirela fitou todos naquela sala e focou seu olhar em Manoela.

— Isso não vai ficar assim. — ela subiu as escadas rapidamente.

Cristal ainda sentia dores e enquanto massageava o lugar que estava doendo um pedaço da saia longa subiu. Manoela então olhou para a brilhosa perna mecânica que a mulher usava.

— Está vendo? Todos nós temos marcas e feridas. O tempo ruim vem para todos, nós apenas temos que aprender a lidar com ele. Eu escolhi sorrir, porque nenhuma ferida que o mundo possa me causar será maior do que a alegria que traz o meu coração.

A intenção de Cristal não foi, em momento algum, de dar sermão em Manoela. Mas sim de mostrar que todos podem sim lidar com suas dores. Manoela sentiu um forte tapa sendo lhe dado, e naquele momento se envergonhou por ter sido a vítima de si mesma.

Teria que mudar o jeito de encarar as coisas.

Capítulo 17 ♥

Toda criança — até mesmo os adultos — quando aprontam e sabem que irão levar *esporo*, demoram uma eternidade para encarar os pais. Para Manoela, era um sentimento parecido e sua vontade era de fingir que Helena não existia.

Mas a mulher lembrava de sua existência todos os dias, quando ligava cobrando uma visita a Victória. Era hora de ser adulta, de encarar os fatos, não havia mais como fugir.

Manoela estava parada na porta olhando Victória dormir. A menina dormia agarrada a um ursinho ganhado por Eduardo quando foram ao parque. Eram aproximadamente cinco e quarenta da manhã, mais alguns minutos e teria que acordar ela para ir a escola.

— Amar você não estava em meus planos. Eu iria apenas cuidar e te entregar quando chegasse a hora. Eu não queria que você fosse, mas não posso com a justiça. Vou sentir saudades, pequena.

— Por que eu tenho que ir embora, tia? — a voz da menina saiu em um sussurro.
— Eu fiz alguma coisa errada?

Manoela se surpreendeu ao ver a menina acordada.

— Não, amor. — sorriu e se aproximou da cama para se sentar ao lado de Victória. — O combinado do juiz foi que eu ficasse com você até sua madrinha chegar ao país, ela é a sua responsável.

— Mas eu não quero ir morar com ela, tia. Esse tal juiz não pode me obrigar! Talvez, se eu conversar com ele, ele mude de ideia.

— Talvez. — sorriu acalmando ela. Tinha medo que toda essa agitação a fizesse mal. — Você ainda tem alguns minutos, que tal descansar para ir a escola?

— Tia, quando eu passei mal você não me disse o que eu tinha.

— Foi um mal estar. Acontece com todo mundo. Agora volte a dormir, ainda é cedo. — beijou a testa da sobrinha e logo saiu do quarto.

A cafeteria, lugar escolhido para o encontro, estava pouco movimentada naquele

horário. Também pudera, já estava na hora do almoço, logo as pessoas estão procurando um bom restaurante.

— Confesso que o seu convite para que nos encontrarmos hoje foi inesperado.

Estava tão perdido em seus pensamentos que não viu a mulher chegar.

— Então o grande Juiz do estado quer falar comigo. Estou curiosa para saber o que é. — disse já se sentando.

— Quanto você quer para desistir da guarda de Victória e sumir do país?

— Como?

— É isso que você ouviu. — Sua expressão estava fria e sua voz não demonstrava nada. — Sou um juiz, como bem sabe, tenho muito dinheiro. Me dê o seu preço e eu pagarei.

— Não sei com que tipo de pessoas você está acostumado a lidar, mas eu não sou assim. Victória está em minha custódia e continuará até atingir a maioridade.

— Helena, Victória está doente.

Manoela quando soubesse iria matá-lo, mas naquele momento ele não se importou muito com isso. Essa história estava deixando sua mulher triste e ele não gostava de vê-la assim.

— Doente? Como doente? Ninguém me falou nada. Irei falar com Manoela agora.

A mulher nem o deixou terminar de falar. Se levantou e saiu apressadamente.

— Oi, Edu. — Manoela disse ao atender o telefone.

— Anjo, tudo bem?

— Sim. E você? Não é acostumado a me ligar nesse horário?

— Sabe com quem me encontrei hoje?

— Espero que não seja com a girafa ruiva.

— Não. — ele sorriu. — Com a Helena.

— Helena? Por quê?

— Queria saber se, caso houvesse dinheiro, ela poderia desistir da guarda.

— Você subornou a mulher? Belo juiz você é!

Quando Luiz Eduardo contou que era juiz ela não se surpreendeu, ele realmente aparentava tal profissão.

— É, eu sei. O caso é que ela não aceitou e eu acho que falei demais.

— O que você falou?

— Que Victória está doente. Ela saiu e disse que iria até você, estou ligando para te avisar.

— Ligou um pouco tarde então. — seu olhos estavam presos em Helena que caminhava até ela. — Ela já está aqui. Vou desligar. — se despediram e encerraram a ligação. — Como vai, Helena?

— Por que não me contou?

— Fiquei preocupada com o fato de você me tirar a menina que eu esqueci. — confessou. — Olha, eu tenho uma pausa de alguns minutos até chegar o meu outro paciente, que tal nós irmos até a lanchonete do hospital?

— Sim, vamos, por favor.

Após escolherem uma mesa elas fizeram o pedido de dois expressos.

— Eu confesso que me sinto muito culpada por isso. — Manoela começou. — Ela já havia dados sinais com dores de cabeça e não dei muita atenção.

— Não pode ser a sua culpa. Acontece.

— Eu sou médica, Helena. Salvo vidas há tantos anos e não pude sequer detectar uma doença em minha sobrinha.

— O que ela tem, afinal?

— Estase, é uma doença rara. Eu fiz algumas pesquisas e, apesar de ser rara, já matou muita gente. Para diagnosticar é preciso vários exames aprofundados, e em muitos hospitais isso não tem. Enfim, não tem muito o que fazer, a não ser seguir o tratamento.

— Quanto tempo leva para ela se curar?

Manoela quis chorar. *Como pode uma médica não diagnosticar uma doença na própria sobrinha?*

— Não tem cura.

— Como? — Helena também parecia estar a beira de lágrimas. — Se não tem cura quer dizer que... Ela vai morrer? É isso? — Manoela apenas balançou a cabeça.

— Eu deveria ter percebido antes, eu sei. Nós estudamos para estarmos aptos a

prestar socorros a qualquer um e em qualquer lugar. Mas quando eu vi ela caída no chão, tudo aquilo que eu estudei não serviu para nada. Me deu um branco e... Meu Deus! Não sei o que fazer, Helena. Sinto que falhei de uma grande forma.

— Não é a sua culpa. Não é culpa de ninguém.

— Bom, precisamos começar o tratamento. O doutor Paulo, médico que estava cuidando dela, é excelente e acho que...

— Sabe que eu tenho a guarda dela, não é? — Manoela afirmou. — Sabe também que eu também não pretendo ficar aqui.

— Mas eu achei que ela poderia ficar aqui.

— Manoela, sei que esse hospital é um dos melhores, mas fora do país existem outros melhores ainda.

Manoela quis grudar no cabelo da mulher e lhe arrastar até o lugar de onde ela nunca deveria ter saído.

A resposta já estava na ponta da língua, quando seu celular tocou.

— Alô?

— Menina! — a voz de Beatriz saiu abafada. — A menina Victória...

— O que houve, Beatriz?

— Estamos indo para o hospital.

Victória. Hospital. Sua mente repetia.

Capítulo 18 ♥

Ao descobrir a doença da sobrinha, Manoela soube que seria uma intensa luta. Todavia, imaginar é diferente de viver.

Em passos rápidos, Manoela caminhava até a ala da emergência. Logo atrás os passos de Helena tentando lhe acompanhar estava incomodando.

Queria que ela fosse embora, mas não iria dizer isso em voz alta. *Ela também tem direitos sobre a menina*, mentalizou.

Ao chegarem perto da emergência, Manoela conseguiu ver Victória deitada em uma maca. Seu pequeno corpinho convulsionava e a sua volta tudo estava manchado de sangue.

— Beatriz! — correu até a senhora que chorava. — O que aconteceu?

— Ela estava brincando e se sentiu cansada e com sede. Levei ela para dentro e lhe dei água. Ainda enquanto bebia ela se afogou e reclamou de ânsia e dor no estômago. Quando achamos que já estava passando, ela começou a ter convulsão

e a vomitar sangue. Foi horrível!

— Isso é normal? — Helena perguntou confusa.

Manoela não respondeu, ninguém, aliás, respondeu. Durante alguns minutos um silêncio atormentador caiu sobre eles.

— Tudo bem levá-la para o seu país. — aproveitando que Beatriz havia ido na lanchonete do hospital Manoela começou o assunto.

— E você vai abrir mão dela? — Helena perguntou. — Desde que cheguei você tem evitado a minha aproximação com a menina, e agora diz que eu posso levá-la? Não te entendo.

— Você tem razão, fora do país existem hospitais excelentes. Talvez haja até mesmo algum profissional especializado nessa doença. Ela realmente me tem. E por me ter eu prefiro que ela esteja viva, mesmo que isso signifique que tenha que morar em outro país. Além do mais a guarda é sua, não é? Não é como se eu tivesse alguma escolha.

— Entendo.

— Só vamos esperar para ver como ela está e, se ela estiver boa, te apresentarei a ela.

Para Manoela, era difícil tomar tal decisão, mas, naquele momento, era a melhor a ser tomada.

Seu celular, que havia ficado no silencioso até o momento, apitou mostrando a quarta ligação perdida de Luiz Eduardo. Ainda perdida em seus pensamentos, resolveu que retornaria depois. Já beirava às seis horas da manhã e a mulher continuava no hospital desde o dia anterior.

— Doutora — uma enfermeira, também colega de trabalho de Manoela, chamou.

— Trouxe chá e biscoitos para a senhora. — estendeu uma bandeja. — Percebi que não comi nada desde ontem.

— Obrigada. — Manoela agradeceu pegando a bandeja. Não estava com fome, mas não faria desfeita a mulher.

— Não por isso! Sabe, doutora, acho que deveria dormir um pouco, não faz bem alguém ficar tanto tempo acordada, ainda mais a senhora que teve um dia corrido

ontem.

— Agradeço a preocupação, mas não vou sair daqui.

— Sei disso. Mas seu consultório é no andar de cima e está vazio, poderia usá-lo para tirar um cochilo.

— Talvez eu o faça. — dormir um pouco poderia lhe cair bem. Sua cabeça doía intensamente provocando um mal estar terrível.

A enfermeira se despediu com um sorriso apertado. Em seguida o médico apareceu.

— Doutor! Como ela está?

— Ainda dormindo. — o médico prendeu os lábios em linha reta. — Vá para casa, Manoela. Não temos previsão para ela acordar, não pode fazer nada agora.

— Se ela acordar... quero ser a primeira a ver ela.

— E será! Te ligaremos no mesmo instante. — prometeu.

— Certo. — precisava mesmo tomar banho, já que o último banho havia sido ontem cedo.

Durante um tempo o melhor lugar para Manoela era sua casa. Lá era seu refúgio e sua fortaleza. Porém, do nada, nada mais parecia ser como antes. Sua casa, antes lugar preferido, hoje a incomodava por ser tão silenciosa. Por isso, sem pensar duas vezes, ela foi até a casa do namorado.

Era quatro e quarenta da manhã e Luiz Eduardo não estava na cama. Manoela passou o braço no lugar onde o homem estava deitado e sentiu os lençóis frios, provando que ele já havia levantado faz tempo.

Ainda um pouco zozna de sono, a mulher sentou-se na cama e puxou o lençol para cobrir os seios desnudos. O quarto do homem era enorme, havia somente uma cama *King Size*, um painel com uma TV e um vídeo game que ela não soube definir a marca. Uma grande moldura com fotos dos pais enfeitavam uma parede. Do outro lado havia duas portas, enrolada no lençol, Manoela caminhou até a primeira.

— Jesus! Eu moraria aqui. — o banheiro conseguia ser tão grande como o quarto. O piso e os azulejos eram negros, o que contratava com a torneira, a pia e chuveiro que eram de inox. Uma enorme bacia estava disponível ali.

Depois de muito apanhar da torneira tentando achar o botão, Manoela percebeu que havia um sensor nela, bastava apenas passar a mão em baixo dela que saia

água. Mesmo estando sozinha a mulher sentiu seu rosto queimar.

— Realmente, minha casa é muito antiga. — disse sozinha.

Depois de jogar água no rosto e ajeitar o cabelo, ela saiu do banheiro e foi até a outra porta.

— Um *closet*! Por que não me sinto surpresa?

Ternos, camisas, calças, sapatos e até mesmo as gravatas estavam separados por cor. No meio do grande cômodo havia uma espécie de bancada com vitrine, nela estava uma grande quantidade de relógios e abotoaduras. Manoela deslizou o vidro para o lado e pegou um relógio, ele pesava, *muito, aliás. Xereta*, como só ela, colocou a *caríssima* — dava para ver o valor do objeto estampado nele — peça no pulso. Ouviu um *click* que lhe mostrou que havia fechado o relógio no braço. Ainda afim de *xeretar*, ela foi até as camisas e, fazendo algo que ela sempre quis fazer ao ler livros românticos, pegou uma camisa branca de botões e vestiu. Arrumou o cabelo mais uma vez e *tentou* tirar o relógio. Sim, *tentou*, já que o relógio não quis sair de seu braço.

— Jesus Cristo, como é que tira isso? — balançou o braço enquanto puxava o relógio até que finalmente ele saiu... *e foi direito para o vidro da vitrine!* Logo o chão estava tomado por caquinhos de vidro. — Não bastava apenas olhar, não é Manoela? — ralhou consigo mesma. Pensou até em tentar arrumar a bagunça, mas Luiz Eduardo veria o vidro quebrado de qualquer jeito, então resolveu deixar quieto. Ao sair do quarto seguiu para a academia, lugar que o namorado já havia lhe apresentado.

Ele estava ali, usando apenas uma calça de elástico, Luiz Eduardo subia e descia em uma barra de ferro suspensa no alto. Ele estava de costas e ela conseguia ver perfeitamente seus músculos.

— Por que não está dormindo?

— Como sabe que estou aqui? — perguntou surpresa.

Ele largou a barra de ferro e caiu de pé. Puxou uma toalha branca de rosto para enxugar o suor, antes de se virar para ela.

— Você não é silenciosa, anjo. — sorriu, fazendo com que ela sorrisse também.

— Acordei e não te vi na cama. — disse como se isso explicasse.

Eduardo se sentiu feliz ao ver que o corpo da mulher sentia sua falta.

— Vamos — pegou em sua mão. — Vamos voltar para cama... *juntos*.

Manoela não gostava muito de ser tratada como um cristal, mas naquele momento o carinho era bem vindo. Por isso, depois que o homem deitou e lhe

puxou para por a cabeça em seu peito, ela se permitiu relaxar.
— *Te amo!* — sussurrou e, antes de cair no sono, escutou o homem retribuir.

Manoela acordou — *ainda grogue de sono e novamente sozinha* — e ao longe conseguia sentir um cheiro de comida. Sua barriga roncou vergonhosamente. A *casa de solteiro*, como Luiz Eduardo chama, não era tão grande quanto a dos pais dele, mas era totalmente requintada.

Totalmente disposta a experimentar a enorme banheira que a chamava desde a noite anterior, Manoela procurou por seu vestido e pegou uma calcinha limpa da bolsa. Na bancada, ao lado da banheira, havia loções, cremes e sabonetes líquidos. Obviamente nenhum sabonete tinha cheiro de rosas ou coisa do tipo, mas havia um com um cheiro que parecia ser uma mistura de menta, whisky e uma leve fragrância de *perfume amadeirado*. Se Manoela precise definir o cheiro do namorado, com certeza usaria aquele sabonete.

Ligou a torneira que havia em cima da banheira e jogou um pouco do sabonete. *Sempre morreu de vontade de fazer aquilo quando via nos filmes!* Não exagerou muito, afinal, bastava o *pequeno* estrago que havia feito no closet.

Retirou a camisa, tomando cuidado em dobrá-la e entrou na água.

Não sabia se Luiz Eduardo estava na casa, o procuraria depois. No momento tudo o que ela queria era relaxar, *mesmo que fosse na casa dos outros*, sorriu com esse pensamento e se afundou na banheira.

Ela merecia, afinal...

Capítulo 19 ♥

Após ajeitar o vestido e o cabelo ainda úmido, Manoela desceu as escadas rapidamente. Já era aproximadamente a hora do almoço e Manoela se culpava por não estar ao lado da sobrinha.

No cozinha, virado para o fogão, Luiz Eduardo mexia alguma coisa em uma panela. O cheiro do alho, naquele momento, não lhe foi bem-vindo. Mesmo a ânsia sendo forte, Manoela conseguiu controlar.

— Vi que gostou de conhecer minha banheira. — sua voz saiu descontraída.

— Nós duas somos melhores amigas agora. — ela piscou.

— Aprecio isso. — seu belo sorriso encantou ela. — Apreciaria mais ainda se você sentasse e comesse a comida que acabei de preparar.

— Pensei que poderíamos ir ao hospital...

— E vamos. Depois que você comer.

— Certo. — ela se sentou no balcão, não sentia a mínima vontade de sentar na mesa de jantar toda *pomposa*. — Vamos ver o que o senhor juiz preparou.

— É comida simples, de homem que mora sozinho. — sorriu envergonhado. — Frango refogado com legumes e arroz. — colocou as panelas na bancada e foi até a geladeira. — Também fiz suco.

— Parece ótimo para mim!

— Então coma, ou não iremos ao hospital. — *tão mandão*... — Nem pense em discutir. Entendo a sua dor, mas descuidar-se de sua alimentação não ajudará em nada.

— Tem razão. Todo esse estresse tem me deixado com o estômago ruim. — Eduardo a olhou com os olhos cerrados.

— O estresse tem te deixado assim?

— Sim... — olhou o homem atentamente, até conseguir compreender seus pensamentos. — Ah, não! Não estou grávida. — sorriu.

— Como sabe? Já fez algum teste ou exame?

— Não, mas meu ciclo menstrual está em dia. — enfiou uma colherada de arroz com frango na boca.

Mentira! Manoela era a médica mais fajuta que ela mesma conhecia. Ora, ela sabia muito bem que muitas mulheres menstruavam durante a gravidez.

Mas talvez ele não saiba...

— No escritório uma advogada ficou sabendo da gravidez com três meses porque ainda menstruava. — Certo, talvez ele saiba... pensou. — É médica, sabe disso. Agora coma e iremos até o hospital, faremos o exame de sangue e vamos ver Victória.

Não foi um pedido ou uma pergunta, mas sim a ordem. Manoela até queria

retrucar, mas sua preguiça de brigar não deixou.

Manoela suspirou quando a enfermeira colocou o algodão sobre o lugar furado.

— Quarenta minutos mais ou menos e já podem vir buscar o resultado.

Ela se levantou, ajeitou a manga da blusa e pegou o papel para fazer a retirada do exame depois. O agradecimento a enfermeira foi um sorriso. O caminho do laboratório até a ala da emergência, onde Victória ainda estava, foi feito em silêncio pelos dois.

— Algum problema? — Luiz Eduardo, chateado pelo silêncio, perguntou.

— Não.

Estava na cata que havia sim, mas Manoela iria negar até não aguentar mais. Ele sabia bem disso.

— Não quer ter filho? — a mulher havia comentado sobre a relutância no começo com Victória.

— Não sei.

— Como não sabe? Ou quer ou não quer.

— Eu não sei, tá legal? Nunca quis ter filhos ou formar uma família. Ainda não sei se quero isso...

— Não sabe? — ele parecia confuso. — Então o que estamos fazendo aqui? Se você não pensa em futuro para nós, então talvez estejamos indo pelo caminho errado.

Foi então que ela se deu conta do que havia dito.

É claro que ela pensava em futuro para eles! Ela *queria* um futuro para eles.

— Desculpa. Edu, eu não quis colocar assim. Eu só... talvez não seja motivo, mas minha cabeça anda muito cheia, e de repente acontece isso...

— Não deveria se preocupar. Ter um filho é realização de uma vida, *ainda mais com você*. Queria que sentisse isso também.

— Eu vou sentir. Se tiver alguém aqui — ele colocou as mãos na barriga dela. Manoela se sentiu estranha e quis fortemente arrancar as mãos do homem. — Eu vou fazer o possível para sentir. — sorriu. — Agora preciso ir ver Victória.

Para a surpresa de ambos Victória estava em um quarto exilado.

— O que houve? — perguntou ao médico.

— A doença evoluiu, nos pegando de surpresa.

— Isso significa? — Luiz Eduardo se intrometeu.

— Se antes podíamos contar com o tratamento, hoje essa possibilidade já não nos ajuda mais. Podemos sim continuar com os remédios, mas creio que eles já não podem fazer muita coisa.

Manoela ainda processava a informação quando o médico acrescentou:

— Sinto muito, Manoela. Agora só nos resta esperar.

— Não dá, tia, não consigo! — estava na hora do banho, mas Victória não conseguia ficar em pé.

Ao lado da cama havia um botão que Manoela sabia muito bem para que servia.

— Pois não? — a recepcionista perguntou.

— Preciso que tragam uma cadeira de rodas para o quarto 15, aqui na pediatria, por favor.

— Aguarde alguns minutos, por gentileza.

Instantes depois uma enfermeira apareceu empurrando uma cadeira de rodas.

— Tia? — a menina olhava assustada.

— Querida, por enquanto é necessário que você use uma cadeira para se locomover. Não queremos que você force muito a perna e acabe lesionando ela, não é? — Victória concordou. — Ótimo! Vamos lá.

Com ajuda da enfermeira Manoela conseguiu colocar a menina na cadeira. Victória era pequena e magra, mas pesava para valer!

— Precisa de ajuda no banho? — a enfermeira perguntou.

— Não, obrigada.

— Certo. Então eu arrumarei a medicação para trazer. Com licença.

Após a enfermeira sair, Manoela estava empurrando a cadeira até o banheiro, quando Victória a chamou.

— Tia.

— Sim?

— Eu vou morrer?
— Como?

Capítulo 20 ♥

— Quem te falou isso?
— Eu escutei uma conversa das enfermeiras. — a menina torceu as mãos no colo. — Elas diziam que era uma pena uma criança ter os dias de vida contados.
— Victória...
— Não, tia, tudo bem.
— Tudo bem? — Manoela estava confusa.
— Sim. — ela sorriu. — Olha, eu tive um sonho e nesse sonho a minha mãe conversava comigo.
— E o que ela falou?
— Que o meu dever já estava cumprido.
— Como assim, querida?
— Deus tem um plano para cada um de nós, o meu era o de abrir o seu coração. Eu consegui, não é tia? Eu abri seu coração, agora eu e o tio Edu moramos nele, não é?
Manoela se sentiu emocionada com a sensibilidade e a maturidade da criança.
— Conseguiu. Você conseguiu.

— Então eu já posso morrer, sei que você vai formar uma família com o tio Edu, minha mãe me disse. Eu irei morrer feliz, tia.

Mas eu não ficarei! Manoela quis gritar, mas apenas sorriu.

Enquanto a enfermeira ia buscar o resultado do exame, Manoela batucava os dedos no balcão.

— Não precisa ficar tão nervosa. — Eduardo, que até o momento estava em silêncio, disse. — Anjo, vai dar tudo certo.

Antes que pudesse responder a enfermeira apareceu.

— Aqui. Apenas preciso que assine, confirmando a retirada do exame.

Manoela assinou, pegou o envelope e agradeceu.

— Quero abrir em casa. — *poderei surtar lá com mais privacidade*, pensou.

— Tudo bem.

No carro, Eduardo mudava de música o tempo todo. Manoela, que já estava nervosa, acabou se irritando e parou o rádio.

Ao entrarem na propriedade viram Beatriz na porta da casa.

— Filha, tudo bem?

— Tudo. Apenas precisamos de privacidade. — foi grosseria de sua parte, mas naquele momento não tinha paciência para nada.

O caminho do quarto nunca foi tão longo para Manoela.

— Eu abro ou você abre?

Luiz Eduardo sabia que ela estava enrolando. Sabia mais ainda que, se ele deixasse, ela iria abrir o exame só na semana seguinte.

— Vamos abrir juntos.

Após rasgarem o lacre do exame eles abriram.

— Isso significa?

— Positivo. Estou grávida.

Esperou todo o terrorismo vir, mas a única coisa que sentia no momento era ansiedade.

— Anjo... Isso é maravilhoso! Um bebê meu e seu é incrível!

Ele realmente estava feliz? Sim, ele estava.

Manoela passou os braços pelo pescoço dele. Antes que pudessem selar os lábios, o celular dela tocou.

— É do hospital. — disse antes de atender.

— Manoela Avilar, por gentileza?

— Manoela, a senhora poderia, por gentileza, comparecer ao hospital? É de extrema urgência.

— Você pode me dizer do que se trata?

— Me Desculpe, senhora, mas não posso passar informações pelo telefone. Teria que ser pessoalmente mesmo.

— Tudo bem. Obrigada.

— O que foi? — Eduardo perguntou quando ela desligou o telefone.

— Pediram para eu ir ao hospital.

— Vamos, irei com você.

Nove e meia foi a hora exata do falecimento de Victória.

Dizer que Manoela se sentia culpada seria repetitivo, mas era exatamente assim que ela se sentia. Estava *anestesiada*.

A verdade é que ninguém nunca vai estar preparado para perder alguém.

Irônico, não? Já que a morte é a única certeza da vida.

Ela ficou tão ocupada em não perder a menina para a madrinha, que esqueceu que a pior perda é a morte.

A tão temível e inevitável morte...

Epílogo ♥

♥ *Manoela* ♥

Perdi as contas de quantas vezes eu disse para não deixarem toalhas molhadas na cama.

— Ninguém nessa casa me escuta!

— Tão brava minha esposa! — Edu me abraçou por trás.

— Pode tirar suas mãos de mim, *doutor pomposo!*

Eduardo odiava esse apelido e eu amava irritá-lo com isso.

— O que eu fiz?

— Deixou a toalha molhada na cama. Fora as roupas jogadas no chão. Meu Deus! O cesto de roupas sujas está logo ali e você não vê, ou finge que não. Como se isso não bastasse seu filho é igualzinho!

— Está muito nervosa, anjo.

— Não, eu estou é p... — travei a língua para não soltar um palavrão. Igor, apesar de ser muito pequeno ainda, já repetia tudo o que ouvia e achava “legal”.

— Só não faça mais isso.

— Prometo!

Sabia que era mentira. No próximo banho a toalha estaria sobre a cama e as roupas no chão do banheiro, ao lado do cesto de roupas sujas.

Ah, casamento... Tão belo!

— Não quero ir, mamãe!

— É importante para a mamãe, filho.

— Não gosto disso! — apontou para o terno.

— Depois poderá tirar.

Era sábado e também inauguração do instituto “*Estase – A Vitória*”. O projeto demorou a sair do papel, mas eu não quis algo feito de qualquer jeito. Enquanto colocava pessoas responsáveis pela estrutura do instituto, fui estudar e me especializar na doença. Fiz algumas amizades de médicos que também estavam estudando a doença, contei a eles sobre Victória e sobre o instituto, até que um deles ofereceu ajuda. Aos poucos mais foram vindo até mim e hoje temos uma equipe formada.

Eu não pude salvar Victória, mas farei o possível para aumentar as chances das

outras pessoas.

— Vá tomar seu leite com biscoitos, logo iremos sair.

Ele saiu correndo, quase tropeçando nos próprios pés.

Pensar em Victória era um assunto delicado. A saudade ainda estava ali, mas o conformismo também se achegará.

Depois de quase dois anos de terapia, entendi que não foi minha culpa.

A morte vem para todos, foi o que me disseram.

A minha certeza é que, de algum lugar, a menina estaria orgulhosa de mim.

— É, você realmente abriu o meu coração.

Sorri.

E-mail: maduh.santos.79@gmail.com

Facebook: Duda Santos

Wattpad: @Miss_Sanders

Não se esqueça de avaliar o livro! Sua opinião é importante!

ATÉ A PRÓXIMA!